

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

ADRIANA SCHIMICOVIKI KRENSKI

A RELEVÂNCIA SOCIOECONÔMICA DA FUMICULTURA NO MUNICÍPIO
DE SÃO JOÃO DO TRIUNFO-PR

PONTA GROSSA
2023

ADRIANA SCHIMICOVIKI KRENSKI

A RELEVÂNCIA SOCIOECONÔMICA DA FUMICULTURA NO MUNICÍPIO
DE SÃO JOÃO DO TRIUNFO-PR

Trabalho de conclusão de curso
apresentado para obtenção do título de
graduação em Licenciatura em Geografia
na Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Celso Antônio da
Fonseca Rosas.

PONTA GROSSA

2023

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO

Eu Adriana Schimicoviaki Krenski RA: 19004502, RG: 13.367.753-4, asseguro que o Trabalho de Conclusão de Curso foi por mim elaborado e portanto, responsabilizo-me pelo texto escrito que apresenta os resultados de minha pesquisa científica.

Atesto que todo e qualquer texto, que não seja de minha autoria, transcrito em sua íntegra ou parafraseado de outros documentos, estejam eles publicados ou não, estão devidamente referenciados conforme reza a boa conduta ética, o respeito aos direitos autorais e à propriedade intelectual.

Tenho conhecimento de que os textos transcritos na íntegra de outras fontes devem apontar a autoria, o ano da obra, a página de onde foi extraído e ainda apresentar a marcação de tal transcrição, conforme as regras da ABNT. No caso de paráfrase, o trecho deve vir com a referência de autoria e ano da obra utilizada.

Além disso, declaro ter sido informado pelos responsáveis do Curso de Licenciatura em Geografia das leis que regulam os direitos autorais e das penalidades a serem aplicadas em caso de infração, conforme constam na Lei 10.695 de julho de 2003.

Sendo assim, declaro que estou ciente de que, caso infrinja as disposições que constam na Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, serei responsabilizado juridicamente pelos meus atos e terei que arcar com qualquer prejuízo moral e financeiro deles decorrentes.

Ponta Grossa, 11 de agosto de 2022.

Adriana Schimicoviaki Krenski

Assinatura do Acadêmico

FOLHA DE APROVAÇÃO
ATA DE DEFESA

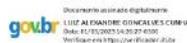
Aos 13 dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e três, na sala virtual do *google meet*, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as): Dr. Celbo Antônio Da Fonseca Rosas (Presidente-Orientador), Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha (membro) e Ms. Rafael Follmann dos Santos (membro) para a análise do trabalho de Conclusão de Curso sob o Título “A Relevância Socioeconômica da Fumicultura em São João do Triunfo”, elaborado por concluinte Adriana Schimicoviaki Krenski do Curso de Licenciatura em Geografia. Aberta a sessão, a autora teve vinte minutos para a apresentação do seu trabalho, sendo, posteriormente, arguido pelos integrantes da Banca. Após o procedimento da avaliação, chegou-se aos seguintes resultados:

O trabalho foi considerado APROVADO

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a presente sessão, da qual lavrou-se a presente ata que vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora.



- 1) Presidente: Dr. Celbo Antônio Da Fonseca Rosas


goub
Documento assinado digitalmente
LUIZ ALEXANDRE GONCALVES CUNHA
Data: 12/02/2023 16:29:27 -0300
Verificação: https://verificador.uepg.br

- 2) Membro 1: Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha



- 3) Membro 2: Ms. Rafael Follmann dos Santos

Ponta Grossa, 13 de fevereiro de 2023.

A meus pais e a todos agricultores familiares que batalham de a sol a sol, enfrentando tormentos e superando desafios na esperança de dias melhores.

AGRADECIMENTOS

Início essa página agradecendo a Deus que me deu saúde e forças em todos os momentos difíceis que me deparei ao longo dessa etapa da minha vida.

Agradeço as pessoas mais importantes da minha vida, meus pais Artur e Irene, que sempre estiveram comigo em todos os momentos dando força e apoio para nunca desistir de meus objetivos e que, nunca mediram esforços para que eu pudesse chegar até aqui, muitas vezes sacrificando seus sonhos para realizar os meus. Agradeço por toda a ajuda e suporte durante esses anos de graduação. Se consegui passar por todos obstáculos é por tê-los ao meu lado.

Agradeço aos meus irmãos e a minha cunhada por todo incentivo, todo o auxílio dado ao longo dessa etapa e principalmente, por tornarem todos os momentos mais leves.

A minha avó Leonor (*in memoriam*) a mulher mais doce que eu tive o prazer de conhecer, agradeço por todo apoio desde o início da graduação, por me ensinar a ser uma mulher forte e a nunca desistir.

Ao meu orientador Dr. Celso Antônio da Fonseca Rosas vão meus sinceros agradecimentos, pela disponibilidade e auxílio no desenvolvimento e melhoramento do trabalho. Agradeço por toda ajuda fornecida desde a elaboração do projeto, por todas orientações e correções.

Aos meus professores por todo o incentivo e por todos os ensinamentos proporcionados durante os anos de graduação e na elaboração do meu TCC.

E por fim, a todos amigos e demais produtores de tabaco que participaram da pesquisa, por toda atenção que recebi e por estarem dispostos a auxiliar no que foi necessário, sendo fundamentais para a conclusão do trabalho.

RESUMO

As atuais formações e organizações de territórios são influenciadas pelos diferentes atores presentes no espaço e as relações de poder que exercem sobre este. O crescente fortalecimento da produção de tabaco na região Sul do Brasil está muito atrelado a influência que a indústria, composta por grandes multinacionais, consegue ter nessa região, formando seus próprios territórios. Em São João do Triunfo a fumicultura é baseada na agricultura familiar, onde as empresas encontram oportunidades de se expandir, assim como, as famílias encontram a chance de alcançar uma possível estabilidade econômica. Com a grande presença da fumicultura, o município passou a depender economicamente desse setor, o que acaba por fortalecer o domínio do cultivo no município. Apesar de proporcionar uma maior renda às famílias, o cultivo do tabaco tornou-se problemático pelas condições de trabalho impostas aos produtores e aos problemas de saúde que podem gerar a estes. Assim, o trabalho teve como objetivo principal compreender a territorialização da fumicultura a partir da agricultura familiar em São João do Triunfo- PR. Já os objetivos específicos tratam-se da caracterização do município quanto sua história e formação, a descrição do processo histórico do cultivo de tabaco no Brasil e a busca pela compreensão quanto às ligações que os agricultores têm com a produção de tabaco e com as empresas fumageiras, evidenciando também todos os impasses e questões atrelados a essa relação. Para a realização da pesquisa buscou-se dados secundários referentes a produção de fumo no município e para a coleta de dados primários foram realizadas entrevistas e aplicação de questionário aos produtores de tabaco de uma comunidade do município, tendo acesso assim, a dados quantitativos e qualitativos acerca das questões que permeiam a fumicultura na comunidade.

Palavras-chave: Território. Tabaco. Fumicultura. Agricultura familiar. São João do Triunfo.

ABSTRACT

The current formations and organizations of territories are influenced by the different actors present in the space and the power relations they exert over it. The growing strength of tobacco production in southern Brazil is closely linked to the influence that the industry, made up of large multinationals, manages to have in this region, forming its own territories. In São João do Triunfo, tobacco farming is based on family farming, where companies find opportunities to expand, as well as families find the chance to achieve possible economic stability. With the great presence of tobacco farming, the municipality became economically dependent on this sector, which ends up strengthening the field of cultivation in the municipality. Despite providing greater income to families, tobacco cultivation has become problematic due to the working conditions imposed on producers and the health problems it can generate for them. Thus, the work had as main objective to understand the territorialization of tobacco growing from family farming in São João do Triunfo-PR. The specific objectives deal with the characterization of the municipality in terms of its history and formation, the description of the historical process of tobacco cultivation in Brazil and the search for understanding regarding the connections that farmers have with tobacco production and tobacco companies. , also highlighting all the impasses and issues linked to this relationship. To carry out the research, secondary data were sought regarding tobacco production in the municipality and for the collection of primary data, interviews were carried out and a questionnaire was applied to tobacco producers in a community in the municipality, thus having access to quantitative and qualitative about the issues that permeate tobacco growing in the community.

Keywords: Territory. Tobacco. Tobacco farming. Family farming. Saint John of Triumph.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do município de São João do Triunfo – PR.	23
Figura 2 - Localização da Comunidade de Coxilhão das Ameixeiras- São João do Triunfo.	29
Figura 3 - Estufa de secagem de fumo pertencente a um produtor.	42
Figura 4 - Folheto de controle da produção feita pela empresa.	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - - Produção Agrícola Municipal de São João do Triunfo (2021).	29
Gráfico 2 - Comparativo da produção de fumo no município de São João do Triunfo no anos de 2006 e 2021.	29
Gráfico 3 - Idade dos produtores participantes da pesquisa.	39
Gráfico 4 - Gênero dos produtores participantes da pesquisa.	39
Gráfico 5 - Tempo que os produtores já trabalham com o fumo em suas propriedades.	40
Gráfico 6 - Empresas fumageiras que os produtores encontram-se integrados.	43
Gráfico 7 – Forma que os produtores realizam o trabalho da fumicultura em suas propriedades.	47
Gráfico 8 – Os motivos que levaram os agricultores a aderirem ao cultivo de fumo.	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relatos dos produtores quanto ao contato com outros tipos de cultivos	.42
Quadro 2 – Relatos dos produtores quanto às melhorias nas propriedades e na forma de trabalho.	47
Quadro 3 - Relatos sobre o fumo como fonte de renda das famílias produtoras.	49
Quadro 4 - Relatos dos produtores sobre o sistema integrado.	54
Quadro 5 – Questões ressaltadas pelos produtores sobre a comercialização do fumo.	56
Quadro 6 - Relato dos produtores quanto às questões de saúde.	59

LISTA DE SIGLAS

AFUBRA	Associação dos Fumicultores do Brasil
ANATER	Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
CGTC	Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco
CTA	<i>Continental Tobaccos Alliance</i>
CTN	Corporação Transnacional
DFVT	Doença da Folha Verde
EMATER	Instituto Paranaense de Assistência e Extensão Rural
EPI	Equipamento de Proteção Individual
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCA	Instituto Nacional do Câncer
JTI	<i>Japan Tobacco Internacional</i>
ONG	Organização não Governamental
PNDACT	Programa Nacional de Diversificação de Áreas Cultivadas com Tabaco
SINDITABACO	Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco
SIPT	Sistema Integrado de Produção de Tabaco
UFPA	Unidade Familiar de Produção Agrária

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 – TERRITÓRIO	17
1.1 - CONCEITUAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO	17
1.2 - O TERRITÓRIO DO TABACO	21
2 - MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO TRIUNFO	27
2.1 - LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS	27
2.2 – HISTÓRIA DO MUNICÍPIO	28
2.2 – CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO MUNICÍPIO	30
3 - HISTÓRICO DO TABACO NO BRASIL	34
3.1 - SURGIMENTO DO TABACO	34
3.2 - INÍCIO DA PRODUÇÃO NA REGIÃO SUL DO BRASIL	35
3.3 - O SISTEMA INTEGRADO E OUTRAS ESTRATÉGIAS DA INDÚSTRIA TABAQUEIRA	37
4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
4.1- PERFIL DOS PRODUTORES DE TABACO	40
4.2 - CONTATO DOS PRODUTORES DE FUMO COM OUTRAS CULTURAS	42
4.3 - EMPRESAS PRESENTES NO MUNICÍPIO E A RELAÇÃO EMPRESA-PRODUTOR	43
4.4 - FORMAS DE TRABALHO, MOTIVAÇÕES PARA ADERIR AO CULTIVO DE TABACO E TENTATIVAS DE DIVERSIFICAÇÃO	48
4.5 – O SISTEMA INTEGRADO	52
4.6 – PROBLEMAS RELACIONADOS A SAÚDE DOS PRODUTORES	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO AOS FUMICULTORES	67

INTRODUÇÃO

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de tabaco, sendo esse reconhecido como um produto de qualidade superior aos demais países e voltado ao comércio externo, principalmente à Ásia e à Europa, liderando o ranking de exportação de tabaco há 26 anos. (SINDITABACO, 2019)

As áreas que apresentam maior produção de tabaco no Brasil estão localizadas nos estados da região Sul do país, representando 90% da produção brasileira. O perfil dos produtores de tabaco aponta como sendo em grande maioria agricultores familiares, onde o trabalho é desenvolvido através da mão de obra da família em suas pequenas propriedades (HILSINGER, 2016, p. 20).

Conforme o SindiTabaco (2019), cerca de 150 mil produtores estão envolvidos no cultivo de tabaco, com uma produção total de 632 mil toneladas, resultando em uma renda de R \$6,28 bilhões aos produtores, na safra 2017/2018.

Segundo os dados disponíveis no site da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra)¹, na safra de tabaco 2019/2020 a cidade de São João do Triunfo teve a maior produção de fumo do Brasil, sendo a principal produção do município que envolve mais de 2.350 famílias como produtoras. O que torna importante a análise da influência dessa cultura nos diferentes aspectos presentes no município. O cultivo do tabaco representa grande importância a essas inúmeras famílias produtoras, estando atrelado aos fatores econômicos, sendo a principal fonte de renda, e estando presente nesses espaços, envolvendo questões culturais, assim como, afetando na construção e organização dos espaços. (HILSINGER, 2016, p. 23)

Estudar e compreender esses aspectos no meio acadêmico é de grande valor para ressaltar a relação da fumicultura com seus produtores e demais envolvidos nesse processo, visto que, é um fator que influencia em toda a dinâmica desse território rural. Assim, através da realização deste trabalho, busca-se proporcionar um maior entendimento acerca da fumicultura, sua importância para o município e a relação dos produtores com a mesma, tendo como objetivo a compreensão da territorialização da fumicultura a partir da agricultura familiar na cidade de São João

¹ Disponível em: <https://afubra.com.br/noticias/11459/safra-de-tabaco-2019-2020-fecha-em-633.021-toneladas.html>. Acesso em: 07 de abr. 2022

do Triunfo-PR.

Para atingir os objetivos da pesquisa o trabalho foi dividido em quatro capítulos.

O primeiro capítulo tem como objetivo tratar sobre o território, como categoria do espaço no qual o tema estudado está inserido, assim, buscou-se ressaltar diferentes definições de território e reflexões acerca destes, formando uma idéia do território que será tratado no trabalho, diretamente ligada ao espaço que as indústrias fumageiras ocupam, os motivos e estratégias utilizadas por essas indústrias na escolha desses espaços que vão se inserir e assim, torná-los seus territórios.

O segundo capítulo se trata de uma descrição histórica do desenvolvimento da cidade de São João do Triunfo, trazendo alguns momentos marcantes desse processo a fim de evidenciar por quais condições tem-se a atual formação social e econômica do município, também são ressaltados dados sobre a população e atividades econômicas que são realizadas em São João do Triunfo.

O terceiro capítulo traz um resgate histórico do cultivo do tabaco no Brasil fazendo uma linha do tempo desde os primórdios de seu consumo pelos povos indígenas antes do descobrimento do Brasil até sua atual formação, da estruturação de indústrias modernas e as motivações que levaram essas a encontrarem-se, atualmente, concentradas principalmente na região Sul do Brasil.

Por fim, no quarto capítulo é colocada a análise dos dados obtidos em entrevistas com os produtores da localidade de Coxilhão das Ameixeiras no município de São João do Triunfo, onde foram ressaltadas as questões do modo de produção do tabaco nas propriedades familiares, a forma como ocorre a relação das empresas com esses produtores, resalta-se também, questões relacionadas ao conhecimento dos produtores quanto aos riscos de saúde decorrentes do trabalho com o tabaco e como estes sentem-se neste quesito.

As reflexões produzidas no trabalho pretendem ressaltar as condições de trabalho impostas aos agricultores familiares que trabalham com o cultivo de fumo, assim como, a dependência que o município possui neste cultivo, a fim de alcançar uma possível diversificação posteriormente.

A pesquisa é de origem quali-quantitativa e empírica. Para sua realização, o trabalho é iniciado primeiramente através da pesquisa bibliográfica a fim de alcançar maior compreensão sobre o tema, como também, tratar do histórico de desenvolvimento da fumicultura no Brasil e alcançar conhecimentos prévios sobre o

município estudado. Foram utilizadas diferentes fontes secundárias ao longo do desenvolvimento da pesquisa, como o acesso a dados que são disponibilizados pela Afubra, IBGE, EMATER, SindiTabaco e demais organizações competentes do setor agrícola.

Os dados primários foram coletados através da realização de aplicação de questionário via Google Formulário, assim como, por entrevistas aos produtores, utilizando-se do mesmo questionário, essa coleta teve início no dia 31 de novembro de 2022 e a última resposta recebida foi no dia 10 de janeiro de 2023, no total foram coletadas 19 respostas ao questionário. O contato com o grupo se deu de maneira branda tendo em vista a proximidade da pesquisadora com este, destaca-se também, a utilização da técnica *Snowball*, pela qual buscou-se obter uma amostragem através das redes de referências. Para a localização da área estudada foram elaborados dois mapas sendo um da cidade de São João do Triunfo e outro com a delimitação da comunidade onde houve a realização da pesquisa, para se ter uma maior facilidade na apresentação e localização das áreas estudadas. Os mapas foram construídos a partir de *shapefiles* disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu site, exclusivamente para o mapa da comunidade houve a utilização de imagem coletada no Google Earth. Também houve a produção de quadros e gráficos para a realização da apresentação e análise dos dados, obtidos através do questionário respondido pelos produtores de tabaco da localidade.

1 – TERRITÓRIO

1.1 – CONCEITUAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

Tendo como objeto de estudo a sociedade, a Geografia alcança sua identidade e autonomia em meio às demais ciências sociais através do seu ângulo específico de análise, utilizando os conceitos-chave: paisagem, região, espaço, lugar e território. Esses conceitos possuem grande proximidade e referem-se à modelagem da superfície terrestre através da ação humana. (CORRÊA, et al. 2000 p. 17)

Dando ênfase ao conceito de território, objeto deste capítulo, segundo Souza (2000 p. 78) “É um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”.

Souza (2000 p. 83) destaca que ao se falar em território o primeiro pensamento a se ter é sobre o "território nacional" relacionado com o poder do Estado, associado logo a grandes porções de espaços, governos e dominações. Apesar de ser uma definição correta, o conceito de território não se restringe a esta escala ou em relação com o Estado. Segundo o autor citado:

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex., uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte- OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter uma existência periódica, cíclica. (Souza, 2000, p. 83)

Conforme Saquet (2009 p. 26), a produção territorial é um processo complexo que, primeiramente deve se aprender a descrever e entender sua formação, para só então conseguir alcançar o objetivo de melhorá-lo através da sua reprodução ou modificação utilizando o planejamento territorial. Para o autor, é necessário deixar claro que espaço e território não são sinônimos. O espaço está em posição que antecede ao território, porque este é gerado a partir do espaço, sendo o resultado de uma ação conduzida por um ator que a realiza em qualquer nível. Através da apropriação concreta ou abstrata de um espaço, o ator o territorializa.

Etimologicamente, a palavra território, *territorium* em latim, é derivada diretamente do vocábulo latino *terra*, e era utilizada pelo sistema jurídico romano dentro do chamado *jus terrendi* (no *Digeste*, do século VI, segundo Di Méo, 1998:47], como pedaço de terra apropriado, dentro dos limites de uma determinada jurisdição político administrativa. Di Méo comenta que o *jus terrendi* se confundia com o “direito de aterrorizar” (*terrifier*, em francês). (HAESBAERT, 2009, p. 43)

Haesbaert (2009 p. 40) em sua obra, divide o território em 3 facetas: 1) jurídico-político, tratando do poder que o Estado exerce em um determinado espaço; 2) cultural: dando prioridade às identidades sociais, dimensões subjetivas e demais simbologias que existem para a determinada sociedade que se apropria desse espaço; 3) econômica: sendo o espaço um produto da relação capital-trabalho.

Assim pode-se dizer que um território recebe um significado através das diferentes abordagens, reunindo as relações econômicas, políticas, culturais e de poder existentes em um determinado espaço geográfico (HILSINGER, 2016, p.110).

Segundo Souza (2000 p. 78) a questão principal a ser pensada quanto ao território é “Quem domina ou influencia quem nesse espaço, e como?”

Para Arendt (1985 p. 24 apud SOUZA, 2000 p.80)

O ‘poder’ corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo, pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está ‘no poder’ estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde se originara-se o poder (...), desaparece, e o ‘seu poder’ também desaparece.

Utilizando essa definição de poder de Hannah Arendt, Souza (2000 p. 82) busca ressaltar a idealização de poder e território para além do sentido de dominação, segundo essa conceituação o poder não necessita de justificativas pois é inerente a existência de qualquer comunidade, somente demanda legitimidade.

Ainda quanto a definição de território, Haesbaert (2009 p. 41) traz a conceituação de uma abordagem na perspectiva do materialismo-idealismo e espaço-tempo, que conforme o autor:

O binômio materialismo-idealismo, desdobrado em função de duas outras perspectivas: i. a visão que denominamos “parcial” de território, ao enfatizar uma dimensão (seja a “natural”, a econômica, a política ou a cultural); ii. a perspectiva “integradora” de território, na resposta a problemática que, “condensadas” através do espaço, envolvem conjuntamente todas aquelas esferas.

O binômio espaço-tempo, em dois sentidos: i. seu caráter mais absoluto ou relacional: seja no sentido de incorporar ou não a dinâmica temporal (relativizadora), seja na distinção entre entidade físico-material (como “coisa” ou objeto) e social-histórica (como relação); ii. sua historicidade e geograficidade, isto é, se se trata de um componente ou condição geral de qualquer sociedade e espaço geográfico ou se está historicamente circunscrito a determinado(s) período(s), grupo(s) social(s) e/ou espaço(s) geográfico(s)

Portanto, essa perspectiva ressalta o território como um espaço físico, trazendo duas concepções de análise: a naturalista, que está baseada no território animal e a relação sociedade/natureza e a de base econômica, sendo neste caso o território visto como uma fonte de recursos para a sociedade. A perspectiva integradora se traduz na relação entre sociedade/natureza em sua totalidade, não podendo ser concebido a partir de um único elemento para análise. Por fim, na perspectiva relacional ou absoluta o território é visto como inserido nas relações de poder. (HAESBAERT, 2009, p. 41)

Conforme Saquet (2011 p. 54), o uso da abordagem territorial, numa perspectiva evidenciadora das relações de poder, serve para desmascarar, abstrair e apreender os mecanismos de centralização do capital e as estratégias usadas pelas classes dominantes para controlar o território.

Na Geografia Política tradicional o uso do conceito de território surge como o espaço concreto em si sendo ocupado e apropriado por um determinado grupo. Essa apropriação é vista como a geração de identidades, considerando que esse grupo só será compreendido através da ocupação de seu território. Quanto às fronteiras, essas passam a ser mutáveis pela força, alterando os limites dos territórios, evidenciando o caráter político desse. (SOUZA, 2000 p. 85)

Pensando no conceito de território especificamente ligado à percepção política, Hatzel (1974 apud SOUZA, 2000 p. 85)

O Estado não é, para nós, um organismo meramente porque ele representa uma união do povo vivo com o solo (*Boden*) imóvel, mas porque essa união se consolida tão intensamente através da interação que ambos se tornam um só e não podem mais ser pensados separadamente sem que a vida venha a se evadir.

Gottmann (1973, p. 1 – 15 apud FERNANDES 2008, p. 3) destaca:

As transformações do espaço acontecem pelas relações sociais no processo de produção do espaço. Os objetos naturais ou elementos naturais também transformam o espaço, mas são as relações sociais que impactam o espaço com maior intensidade. Os sistemas de ações e os sistemas de objetos são indissociáveis, todavia é possível analisar as distintas intensidades de seus movimentos. A técnica e a tecnologia dinamizaram os sistemas de ações, impactando a natureza com maior intensidade. A formação de territórios é sempre um processo de fragmentação do espaço. Os seres necessitam construir seus espaços e territórios para garantirem suas existências.

Souza (2000 p. 87) ressalta que, uma forma mais crítica e abrangente de tratar a territorialidade se trata de considerar não somente as dimensões políticas e cultural,

mas também a flexibilização do território, sendo também um campo de forças e uma rede de relações sociais que se definem através da existência de grupos que se assemelham entre si em algum determinado quesito, sem que haja de fato a determinação de um espaço concreto considerado como território. Segundo o autor "Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (os quais são apenas os substratos materiais das territorialidades)". Assim, esses territórios formam-se e dissolvem-se de modo relativamente rápido, enquanto o substrato espacial permanece o mesmo.

Conforme Haesbaert e Gonçalves (2006 p. 14) "Nomear cada coisa, cada lugar, é um modo de nos apropriarmos do espaço, de nos territorializarmos." Segundo os autores citados, cada território é uma criação, toda sociedade ao existir, conforme seu espaço, assim o território não é alheio à sociedade, mas parte dela, abrigando-a e contendo múltiplas territorialidades em potencial.

Saquet (2011, p.51) afirma que a formação de um território é processada através das determinações materiais e imateriais, mas também através das contradições sociais, das forças econômicas, políticas e culturais, visto que, essas contradições geram as relações de poder.

Ressalta-se também a existência dos territórios descontínuos ou dos territórios redes, os quais acabam por superar a questão da exclusividade de um poder sob um território. Existe uma superposição de diversos territórios, os quais possuem formas e limites variados, assim como, podem se opor entre as diversas territorialidades, através de suas contradições e atritos nos seus poderes por habitarem o mesmo espaço. (SOUZA, 2000, p. 96). Ainda, opondo-se a ideia da Geografia Política tradicional, o autor citado, ressalta que o território não pode ser confundido com o substrato material: "Na verdade, o substrato material a ser territorializado sequer precisa ser o solo, o *Boden*; ele pode sem dúvida ser uma superfície líquida, um mar territorial."

Assim, tem-se diferentes análises quanto a construção e existências de distintos territórios construídos por aqueles que lhe ocupam, fazem seu uso ou exercem alguma forma de relação de poder.

Quanto a fumicultura pode-se evidenciar a existência da sua cadeia produtiva, a qual envolve os produtores e as empresas fumageiras, tendo como base as questões econômicas, torna-se necessário buscar compreender como se dá a construção e a existência dos territórios ocupados pelas empresas fumageiras,

principalmente a motivação que as leva ocupar estes espaços específicos, bem como, as características desses territórios.

1.2 - O TERRITÓRIO DO TABACO

Quanto à organização do espaço, foram estabelecidas ao longo dos anos um conjunto de ações as quais modelam as formas e interações espaciais. Chamadas de práticas espaciais, essas ações são resultado da consciência humana quanto à diferenciação espacial e dos projetos originários de cada sociedade, os quais promovem a existência de uma cultura, atividade ou de uma sociedade como um todo. As práticas espaciais se tornam os meios efetivos que promovem a administração e o controle do território e os seus diversos projetos. (CORRÊA, 2000, p. 35)

Conforme Corrêa (1992 apud CORRÊA, 2000, p. 36)

(...) As práticas espaciais são as seguintes: seletividade espacial, fragmentação-remembramento espacial, antecipação espacial, marginalização espacial e reprodução da região produtora. Esclareça-se que as práticas espaciais acima indicadas não são mutuamente excludentes, ao contrário, podem ocorrer combinadamente ou apresentarem um caráter complementar.

A seletividade espacial é um importante conceito determinante no processo de organização do espaço, trata-se do conjunto de atributos que irão gerar interesse conforme os diversos projetos estabelecidos. Alguns exemplos de condições que levam as localizações seletivas são a proximidade de matéria-prima, mercado consumidor, fertilidade do solo e força do trabalho. A empresa Companhia de Cigarros Souza Cruz é exemplo edificado quanto à seletividade espacial. De acordo com o autor citado: “Detentora de uma complexa rede de unidades funcionalmente distintas, mas fortemente integradas, a empresa em pauta possui uma organização espacial complexa, resultante de um variado processo de seleção.”

O processo de fragmentação ou remembramento de um espaço está ligado às diferentes formas de controle que levam a uma divisão de unidades territoriais controladas por determinadas organizações, comunidades ou empresas que possuem interesse naquela porção do espaço e constroem seus territórios. A exemplo da atuação de uma empresa em um determinado espaço, que é intensificada através da implantação de novas unidades vinculadas, alterando suas áreas de atividade e submetendo o espaço à fragmentação. Já o remembramento trata do processo

inverso, a diminuição das unidades da empresa no espaço, influenciadas por condições como a diminuição de matéria-prima. (CORRÊA, 2000, p. 38)

A antecipação espacial conforme Corrêa (op. cit.) trata da prática da definição de uma localização antes mesmo que os atributos do local estejam dispostos, tratando basicamente de uma reserva de um território, garantindo assim o controle futuro desse mesmo.

De acordo com o autor citado:

A história da Companhia de Cigarros Souza Cruz é rica em exemplos de antecipações espaciais. Assim, entre os migrantes gaúchos que a partir da década de 1950 dirigiram-se para o Sudoeste paranaense estavam numerosos produtores de fumo que já mantinham contatos com a Souza Cruz. Esta designa, por volta de 1955, um inspetor, vinculado à usina de beneficiamento de fumo em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, para organizar o processo produtivo no Sudoeste paranaense, e assim garantir o futuro território da empresa de cigarros. Antecipa-se, assim, a criação de uma nova área fumicultora. (CORRÊA, 2000, p. 38)

Segundo Corrêa (2000 p. 41) a marginalização espacial é determinada pelos valores econômicos, políticos e culturais que são modificados ao longo do tempo. No âmbito da agricultura pode se ter o abandono de uma região antes utilizada por uma determinada atividade agrícola para outra região, que apresenta melhores condições espaciais, marginalizando assim esta região que existia em função dessa atividade agrícola.

A exemplo ainda da empresa Souza Cruz, em 1928, essa implantou sua segunda usina de beneficiamento de fumo na cidade de Santo Ângelo no Rio Grande do Sul, motivada pelo grande crescimento da fumicultura na região da cidade. Em 1972, com a baixa da participação na produção de fumo na região, a usina de Santo Ângelo teve seu fechamento, submetendo aquele local, que teve relevância na rede da empresa, à marginalização espacial (CORRÊA, 2000 p. 41). Assim, nota-se o funcionamento da territorialização de empresas, como se dá a utilização e articulação dessas conforme a seletividade espacial.

A reprodução da região produtora auxilia no entendimento das práticas espacialmente localizadas as quais constituem a formação da gestão do território. A Souza Cruz é um grande exemplo quanto às suas práticas para gerir a reprodução das regiões fumicultoras na região Sul do Brasil. Segundo o autor: “o controle e a reprodução das condições de produção dessas regiões se fazem por diversos meios, entre eles a orientação e assistência agrônômica realizada por seus técnicos, no

âmbito de uma agricultura do tipo contratual". Há também a criação de práticas pela empresa buscando atingir os grupos mais jovens, influenciando esses a desistirem de migrar às cidades e se tornando futuros novos produtores de fumo, garantindo assim a contínua produção na região. (CORRÊA, 2000 p. 43)

Considerando a influência que o tabaco e seu cultivo proporcionam em um determinado espaço, pode-se afirmar que é um fator de delimitação de novos territórios nesses espaços geográficos, haja visto que, nos locais que se tem a presença da fumicultura, se produz uma influência desta nas relações econômicas e de poder, por exemplo, exercidas pela indústria e empresas fumageiras.

Segundo Haesbaert (2005, p. 01): "Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas com o tradicional poder político. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação."

Há uma grande diversidade de manifestações, múltiplos poderes, e diferentes agentes num processo de dominação de um território. Os territórios devem, também, ser distinguidos através daqueles que os constroem, visto que, há uma variação nas razões do controle do espaço conforme a cultura e a sociedade, que visam atingir diferentes objetivos. (HAESBAERT, 2005 p. 03)

Conforme Fernandes (2008 p. 4) há uma certa predominância de análises econômicas quanto aos estudos do território, tratando somente a concepção do espaço de governança. Restringir o conceito de território somente à essa definição acaba desconsiderando as conflitualidades dos diferentes tipos de territórios e suas variadas escalas geográficas, instrumentalizando o conceito de território somente às relações de poder. É através da multiescalaridade que se reconhece os territórios das diferentes classes sociais.

Se referir ao território como sendo de propriedade dos indivíduos ou de uma comunidade, ressalta o sentido político da soberania, onde se destaca a autonomia desses indivíduos na tomada de decisões dentro de seus territórios (FERNANDES, 2008, p.5). Assim, pensando principalmente nas questões das comunidades rurais, nota-se uma dificuldade na construção do conceito de território baseado na multidimensionalidade, totalidade e multiescalaridade, podendo ser observado a presença de um controle exercido nesses territórios a partir do pensamento de território nos modelos de relação de poder, fazendo com que as comunidades rurais sejam subordinadas aos atuais modos de produção.

Conforme Fernandes (2008, p. 5 a 6):

(...) ao se pensar políticas territoriais é necessário compreender sua multiescalaridade e sua multidimensionalidade. Quando o território é concebido como uno, ou seja, apenas como espaço de governança e se ignora os diferentes territórios que existem no interior do espaço de governança, temos então uma concepção reducionista de território, um conceito de território que serve mais como instrumento de dominação por meio das políticas neoliberais. Nesta condição, uma determinada região é escolhida para a aplicação de políticas de desenvolvimento, em grande parte, a partir dos interesses do capital. Evidente que pelo fato de as comunidades camponesas terem menor poder político, terão pouco poder de decisão na determinação das políticas, por mais que o discurso das instituições defenda o “empoderamento” das comunidades rurais. Desse modo, as políticas promovem o fortalecimento das relações capitalistas em detrimento das relações não capitalistas ou familiares e comunitárias. Intensifica-se, dessa forma, as políticas de expropriação das comunidades rurais, que perdem seus territórios para o capital que necessita se apropriar continuamente dos territórios camponeses para se expandir.”

Nesse sentido, se pode pensar o funcionamento da territorialidade do tabaco e das empresas fumageiras que estão inseridas no meio rural, formando suas redes geográficas que se articulam em seus territórios.

Segundo Corrêa (1992, p. 37) uma empresa só se instala em determinado território através da decisão dos agentes econômicos, sendo esse território rentável economicamente, com a atuação dessa empresa nesses espaços, há uma reorganização conforme os interesses da mesma, assim influenciando e modificando aspectos desse território. No espaço estudado, pode se observar que com a chegada das empresas fumageiras na região, houve uma modificação no campo, onde diversos produtores familiares que trabalhavam com diversificadas culturas como o milho e o feijão, passaram a se dedicar exclusivamente ao cultivo do tabaco.

Conforme os dados da Afubra (2019)² A fumicultura alcançou o número de 159.610 famílias produtoras, motivadas principalmente pela maior rentabilidade, tendo um retorno econômico maior, havendo assim uma substituição das culturas tradicionais, influenciada pelas empresas capitalistas.

Conforme Silveira et al. (2012, p. 10):

A ampliação da produção de tabaco nas propriedades rurais das áreas tradicionais de plantio e nas áreas de expansão tem sido resultado principalmente do aprofundamento da relação de subordinação técnica e econômica dos produtores de tabaco e do aumento da exploração do trabalho familiar pelo capital agroindustrial. Além desses fatores, o incremento da produção também se deve ao aumento da área plantada de tabaco que tem

² Disponível em: <<https://afubra.com.br/fumicultura-brasil.html>>. Acesso em 10 de ago. 2022.

substituído gradativamente o cultivo de outras culturas tradicionais e de subsistência como a batata e o feijão (...)

O setor agroindustrial tabaqueiro tem sua divisão territorial e organização espacial muito pautada em ações e normas estabelecidas no passado desses territórios, a produção e a comercialização do tabaco e as relações entre os envolvidos nesse processo, são exemplos de normas que permanecem influenciando na organização espacial da região. As ações das multinacionais nas regiões de produção de tabaco são influenciadas pela divisão territorial do trabalho, através do uso corporativo do território, sendo uma organização racional e funcional para esses. A incorporação de novas áreas de plantio, distribuição de novos pontos de compra de tabaco, instalação de novas usinas de processamento, ações das empresas fornecedoras de insumos e equipamentos agrícolas são exemplos de instalação seletiva nos territórios. (SILVEIRA, 2015, p. 6)

Berdnachuk (2019, p.14) afirma que a produção de fumo está localizada principalmente na região Sul do Brasil e apresenta uma nova organização territorial, causada pela inserção das empresas capitalistas fumageiras. Essa produção apresenta uma complexa cadeia de redes organizadas a partir do sistema integrado. Segundo a autora: “No sistema de integração, os produtores devem atender aos requisitos da empresa, e esta, por sua vez, atende às exigências qualificadas dos mercados de comercialização”. Diante disso, ambos firmam uma espécie de contrato no período anterior à safra, determinando a quantidade de tabaco que o produtor irá produzir e vender à empresa. Assim, quanto às vantagens para o agricultor nesse sistema de integração, trata-se da garantia da venda de sua produção, assistência técnica e financeira fornecida pela empresa, que por sua vez, consegue, através desse contrato, exercer total controle sobre os agricultores e sua garantia de lucro. Então, compreende-se um jogo de ações políticas e econômicas onde os agricultores familiares estão inseridos.

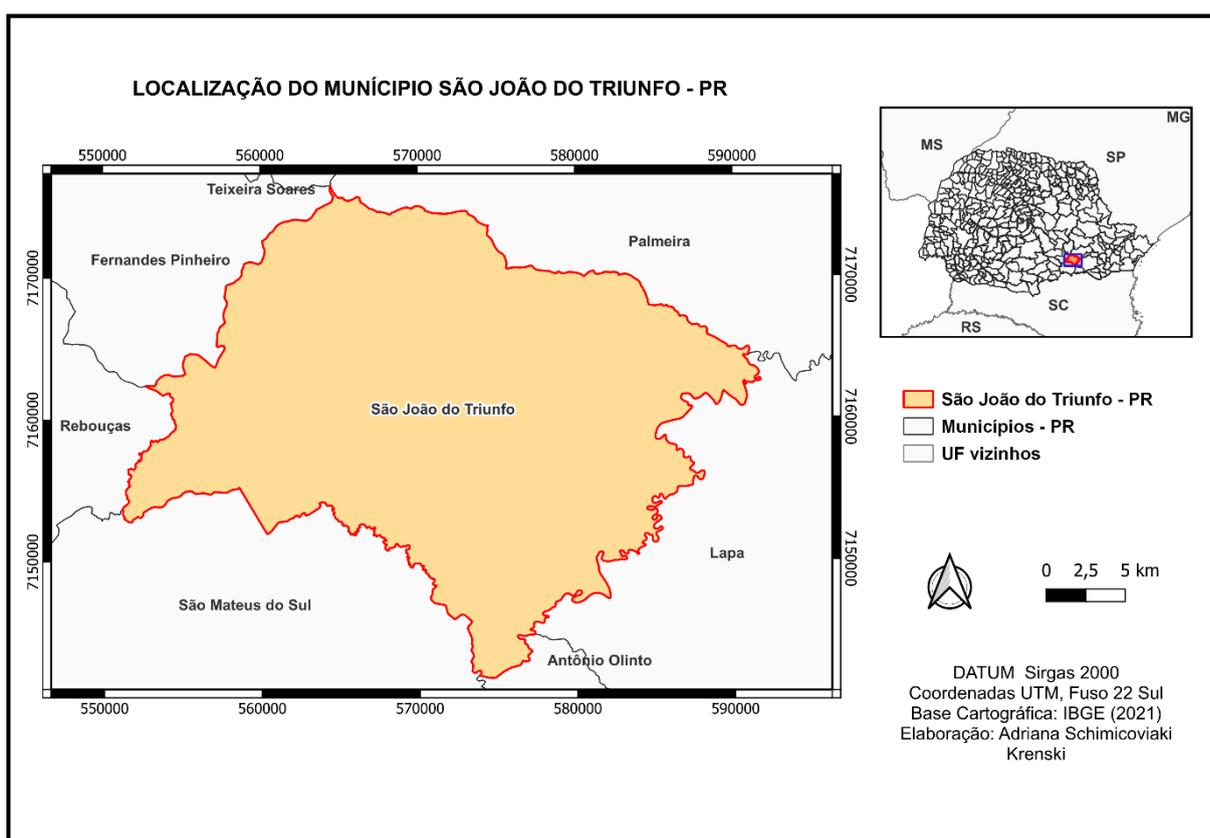
São João do Triunfo está localizado no Sudeste do Paraná, uma área que apresenta grande presença de agricultura familiar, sendo essa uma característica atrativa às empresas fumageiras, visto que, o trabalho necessita de uma maior presença de mão de obra. Assim, o próximo capítulo trará a localização do município e sua estruturação para auxiliar na busca do entendimento acerca da produção de tabaco no município.

2 - MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO TRIUNFO

2.1 - LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

O município de São João do Triunfo está localizado cerca de 125,68 km da capital Curitiba e, segundo o IBGE, possuindo uma área territorial que totaliza 719,750 km². Seus municípios fronteiriços são: Palmeira ao norte; São Mateus do Sul e Antônio Olinto ao sul; Lapa a leste; Rebouças e Fernandes Pinheiro a oeste. A seguir, a figura 1 traz o mapa da localização do município.

Figura 1 - Localização do município de São João do Triunfo - PR



Fonte: A autora, 2023

Quanto a geografia de São João do Triunfo³, este é um município pertencente ao segundo planalto paranaense, assim tendo uma variação de 1200 a 300 metros acima do nível do mar em sua altitude média, apresenta um relevo ondulado e solo

³Disponível em: <http://sjtrunfo.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1718>.

Acesso em 18 de dez. 2022

predominante pertencente ao período Permiano. A vegetação predominante é a Mata Atlântica. O município está totalmente inserido na bacia hidrográfica do rio Iguaçu, tendo o rio da Vargem como principal curso hidrográfico, que corta o território municipal (de norte a sul) e abrange 55,4% do território municipal. Segundo o IBGE (2022), o clima da cidade é definido como subtropical mesotérmico brando superúmido, apresentando chuvas bem distribuídas durante o ano e 17,4°C como temperatura média anual.

O Brasão presente na bandeira do município de São João do Triunfo é formado pelo Arco Triunfal juntamente com a presença de um pinheiro- o qual simboliza o ciclo da madeira; juntamente com a erva-mate que representa os grandes ervais triunfenses, sendo esses dois os principais produtos econômicos do município na época da elaboração da bandeira e Brasão. (KASPRZAK, 2019 p.33)

2.2 – HISTÓRIA DO MUNICÍPIO

Segundo o IBGE (2017)⁴ a história da cidade está ligada ao contexto da navegação do Rio Iguaçu que estabeleceu a formação de importantes portos no contexto regional como é o exemplo do Porto Feliz e o Porto de Vila Palmira; à imigração de poloneses, italianos, árabes e alemães no final do século XIX, assim como também, por atividades dos tropeiros que passavam ou se instalavam no município.

São João do Triunfo teve sua estruturação rural até 1970 através da formação de faxinais e pequenas propriedades de colonos imigrantes. No entanto, antes mesmo da chegada desses, a região que atualmente se localiza o município já era habitada por caboclos e índios que sobreviviam da agricultura de subsistência, da caça e da pesca.

Nessa época, segundo Wachowicz (1984, p. 08):

As florestas em ambas as margens do rio Iguaçu eram raramente habitadas por caboclos; estes por sua vez tinham à sua retaguarda as tribos nômades de índios. Na margem esquerda habitavam os famosos botocudos e, na margem direita do Iguaçu existiam ainda alguns índios da tribo tupi-guarani.

⁴ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/sao-joao-do-triunfo/historico>> Acesso em 10 de ago. 2022

As terras onde hoje se encontra a cidade de São João do Triunfo começaram a ser povoadas a partir de 1864, com o caçador João Nunes, vindo da cidade de São José dos Pinhais, este fixou-se como dono do local entre o rio da Vargem e o rio da Água Branca, dando início ao desbravamento da região, que passou a ser chamada de "Rio da Vargem" em homenagem ao rio, afluente do rio Iguaçu, que passa nas proximidades do município. (KASPRZAK, 2019, p. 11)

Segundo o Inventário Turístico de São João do Triunfo (2003):

O povo do lugar construiu uma capela, na qual foi colocada a imagem de São João Batista. Muitas casas foram sendo construídas ao redor da pequena igreja. Em pouco tempo a denominação do povoado foi alterada. O santo padroeiro e o triunfo obtido pelos ousados desbravadores da região de Rio da Vargem contribuíram para a composição do novo nome.

Somente no ano de 1871, o até então povoado Rio da Vargem foi, através da Lei Provincial nº254, passado ao posto de freguesia, passando a ser chamado de Freguesia de São João do Triumpho, sendo este nome em homenagem ao santo padroeiro São João Batista, para o qual já havia sido erguida uma capela em 1867. (KASPRZAK, 2019, p. 15)

Atualmente o município abriga o território do distrito de Palmira, que era considerado um município através da Lei Estadual nº 874, e mais tarde anexado a São João do Triunfo. Este território teve uma grande importância para o crescimento do povoado da região, visto que ali localizava-se o Porto Palmira, considerado um dos portos mais importantes no contexto estadual da época, sendo responsável por abastecer o povoado com mercadorias, assim como, escoar a produção de madeira e de erva-mate de Palmira e Triumpho. O porto acabava também, por atrair inúmeras pessoas que vinham para a região buscando trabalhar ou investir no lugar. Ao entorno do porto em Palmira foram assim, surgindo diversos comércios e dando crescimento ao povoado. (KASPRZAK, 2019, p. 42)

Segundo o Inventário Turístico de São João do Triunfo (2003):

Em 1891 instalou-se o núcleo colonial de Palmira com imigrantes poloneses. A colônia compunha-se de 88 lotes rurais agrupados em dois núcleos: o de Rio dos Patos e o de Bromado. A economia de Palmira baseava-se na indústria extrativa vegetal - erva mate e madeira - na produção agrícola e na sua condição de porto fluvial.

Na década de 1930, São João do Triunfo era um dos municípios mais ricos da

região, visto que, possuía um porto fluvial de grande importância no Rio Iguaçu, tendo como principal fonte de renda a erva mate, milho, feijão e trigo, juntamente à exportação de madeiras de pinho e imbuia. Diversos estabelecimentos comerciais e industriais encontravam-se em funcionamento no município, apresentando uma infraestrutura de destaque. No entanto, nos anos de 1950 com a construção da estrada de rodagem de Palmeira até São Mateus do Sul e a superação do tráfego fluvial pelo rodoviário fez com que entrasse em decadência. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO TRIUNFO, 2021)

Conforme Kasprzak, (2019, p.46):

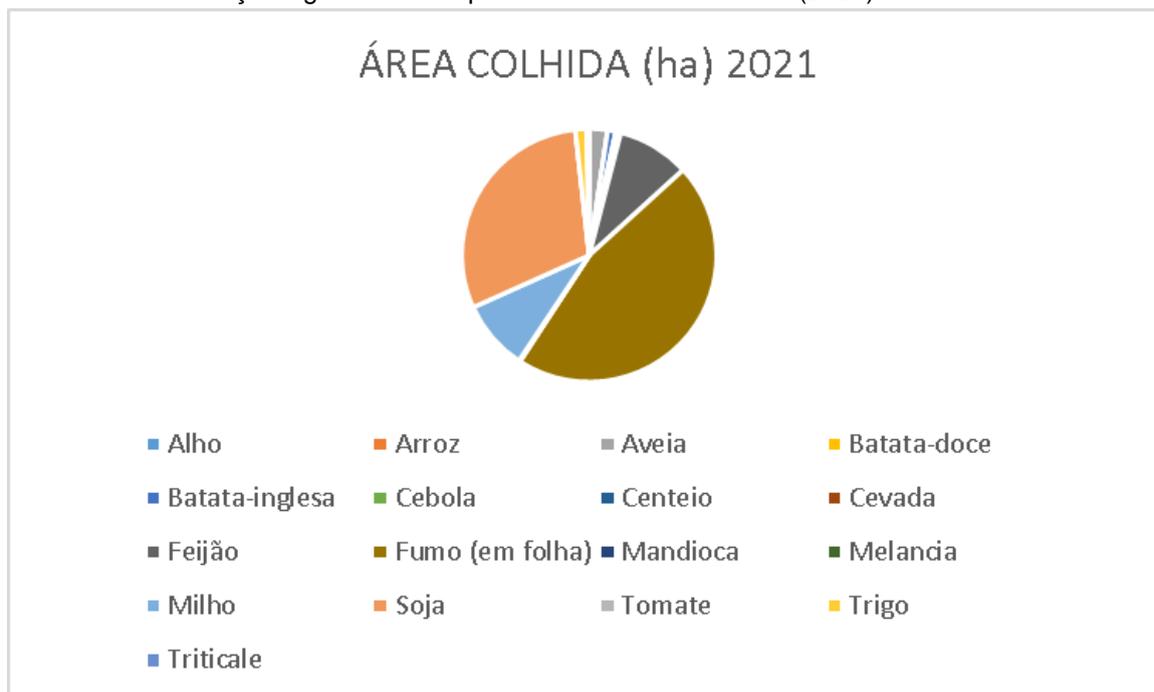
Para vencer a crise a população de Triunfo, especificamente, precisou encontrar outros caminhos... A agricultura foi a grande saída. Intensificou-se o cultivo de feijão, milho, arroz, batata, soja... E, no final da década de 1950, mais precisamente em 1959, grande número de agricultores triunfenses aderiu à cultura do tabaco, que chegava na região com força total, sinalizando um novo ciclo, uma nova história.

2.2 – CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO MUNICÍPIO

Atualmente, a economia do município está toda centrada na agricultura. Em 1959 se teve o início da prática da fumicultura que até aos dias atuais, nunca teve redução, somente se expandiu no município. Segundo o IBGE (2017), aproximadamente 900 produtores de fumo produziam em média 4.000 toneladas de fumo em parceria com 6 empresas, sendo um total de 18.000 toneladas produzidas no total, que ocupam cerca de 7.200 hectares cultivados.

Abaixo, no gráfico 1, pode-se observar um grande domínio da produção de fumo nas áreas cultivadas do município. No total em 2021, foram destinados 20.669 ha para culturas temporárias, desse total, 9.500 são áreas de cultivo de fumo sendo assim, 45.9% dessas áreas há a presença do fumo, ressaltando a grande presença desta cultura no município.

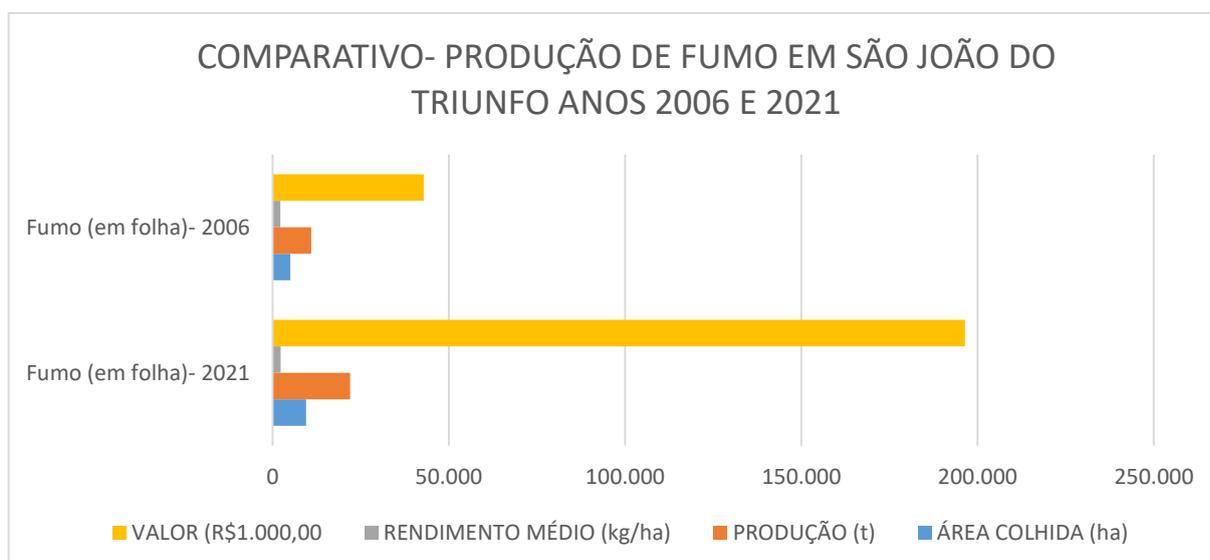
Gráfico 1 - - Produção Agrícola Municipal de São João do Triunfo (2021)



Fonte IBGE- Produção Agrícola Municipal (PAM)- 2021
 Autor: Adriana Schimicoviaki Krenski, 2022

No gráfico 2 é destacado o alto crescimento da produção de fumo no município nos últimos anos, destaca-se também o aumento do valor dessa produção, sendo esse aumento da valorização do produto um dos grandes possíveis motivos para os agricultores estarem aderindo à produção.

Gráfico 2 - Comparativo da produção de fumo no município de São João do Triunfo no anos de 2006 e 2021

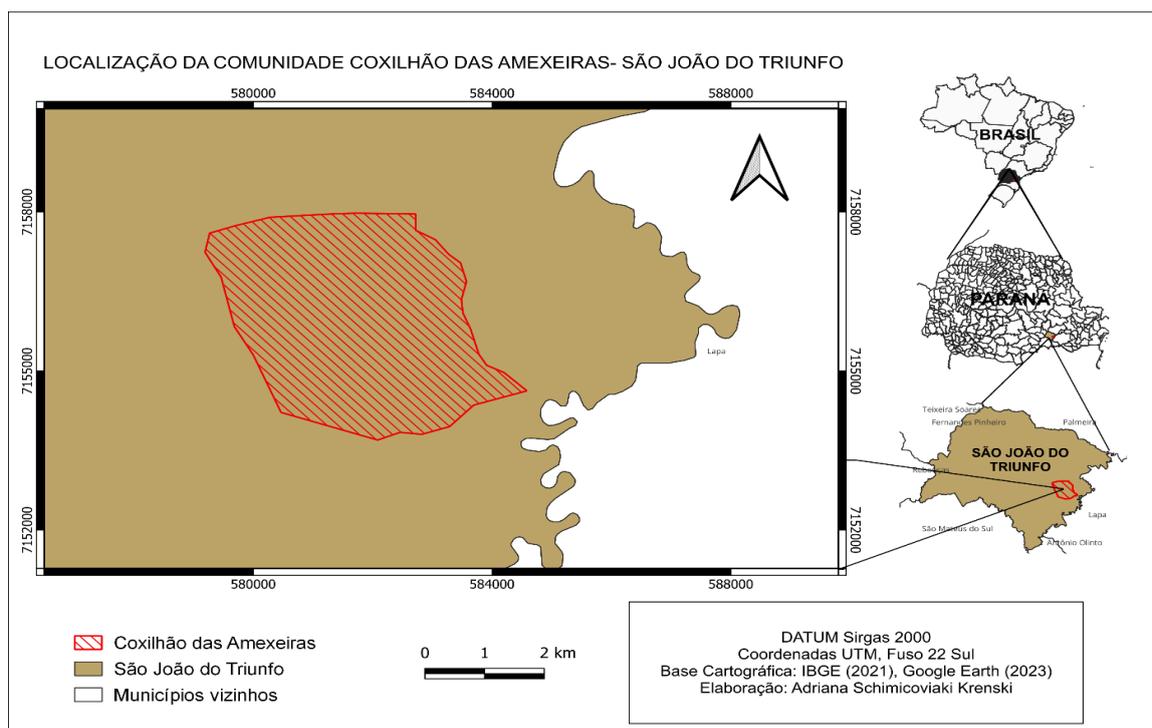


Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal (2006), (2021)
 Autor: Adriana Schimicoviaki Krenski, 2022.

Quanto ao número de domicílios do município, no ano de 2000, conforme o censo demográfico realizado pelo IBGE o número total era de 3.573, sendo desses 2.489 situados na zona rural e 1.084 na zona urbana, já conforme os dados disponibilizados através do censo demográfico realizado pelo IBGE no ano de 2010, o número de domicílios passou a ser de 13.704 no total, sendo 4.048 domicílios urbanos e 9.656 rurais, apresentando assim um grande aumento de domicílios entre esse período de tempo dos dados, sendo de 10.131. Esses dados apresentam também o grande crescimento dos domicílios na área rural que continua sendo a grande maioria na cidade, evidenciando a característica de município rural que São João do Triunfo apresenta. (IBGE, 2022)

Tratando da questão da divisão territorial de São João do Triunfo, tem-se em sua área urbana apenas o Centro, sem a existência de bairros. Já em sua área rural, tendo em vista que abriga a grande maioria de seu território, a divisão é estabelecida através de comunidades, as quais totalizam 41 comunidades distribuídas por todo o município, entre essas, está a comunidade de Coxilhão das Ameixeiras, escolhida para a realização da presente pesquisa, esta está localizada próximo ao distrito de Palmira e de comunidades como Colônia Bromado e Mato Queimado. (IBGE, 2007). A localização exata da comunidade estudada está representada abaixo na figura 2.

Figura 2 - Localização da Comunidade de Coxilhão das Ameixeiras- São João do Triunfo



Fonte: A autora, 2023.

3 - HISTÓRICO DO TABACO NO BRASIL

3.1 - SURGIMENTO DO TABACO

Conforme ETGES (1989, p.38) o fumo passou, ao longo dos anos, de uma planta sagrada cultivada pelos indígenas da América, os quais iniciaram o consumo, para uma das mercadorias mais valorizadas no mercado mundial através da difusão do seu consumo ao redor do mundo. Para a autora, se voltar ao passado e buscar entender todo esse processo desde a origem da planta é fundamentalmente indispensável para a compreensão acerca da valorização do tabaco no mercado capitalista internacional e a territorialização da sua produção.

Boeira (2006 p. 29) destaca a questão da proibição do tabagismo desde os primórdios da sua utilização, onde em 1604 na Inglaterra, já havia a primeira obra escrita pelo rei Jaime I (1556-1625) tratando sobre o antitabagismo e a partir do século XVII se espalhando por diversos países algumas tentativas de proibição do consumo.

Segundo ETGES (1989, p 45) no Brasil:

Ao contrário da cana-de-açúcar, cultivada em grande escala, o fumo desde o começo era plantado por colonos, os moradores e lavradores em áreas reduzidas. Foi na faixa litorânea entre Salvador e Recife e, sobretudo nos arredores de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, que surgiram as roças de fumo.

O fumo brasileiro teve sua regulamentação de exportação a partir de uma legislação de 1690 e 1730, a qual vigorou até o momento de Independência do Brasil. A partir desse momento então, o fumo brasileiro passou a ser enviado para a Lisboa de onde era reexportado à outros países europeus consumidores, para esse fim eram destinados os fumos de melhor qualidade e a percentagem do total da produção chegava a ser de 60%. Outra utilização do fumo nesse período colonial tratava-se de ser moeda de troca no mercado de escravos africanos, representando cerca de 30% da exportação do produto brasileiro. O restante da produção era destinada ao consumo interno. (ETGES, 1989, p. 45)

Quanto a produção do fumo durante o período colonial pode-se considerar que houve grandes variações entre os anos, motivadas principalmente por questões de variações de chuvas ou secas prolongadas, assim como também, pela política agrícola e o mercado. A abertura dos portos e a independência foram dois fatores

primordiais, no século XIX, para o desenvolvimento da cultura do fumo no Brasil. (ETGES, 1989, p. 47)

Quanto a utilização de terras para a produção do fumo, Vogt (1994, p. 27) também afirma:

A produção do fumo, por outro lado, imprescindivelmente esteve associada à atividade criatória. Quando a lavoura ocupava uma terra virgem, ao cabo de duas ou três colheitas, o solo ficava exaurido. Em decorrência, ou adentrava-se o território na busca de solos férteis, ou tratava-se de repor à terra, através da adubação animal, os nutrientes que haviam sido extraídos ao solo (...) Quanto mais longe do litoral, maiores se tornavam os custos do transporte. Assim, por contar com a estrumeação bovina, terras ditas imprestáveis e inférteis para outros cultivos puderam ser aproveitadas para o plantio do tabaco (...)

Conforme Nardi (1985 apud VOGT 1994 p. 28), além desses pequenos produtores, haviam mais duas categorias de produtores, a segunda era:

(...) também composta por pequenos produtores, mas de maior porte que os da categoria precedente. Possuíam, geralmente, algumas cabeças de gado que lhes forneciam a adubação das terras (...) Possuíam ainda alguns escravos que trabalhavam com a família na roça e na fabricação dos rolos. Podiam cul ti var cerca de duas a dez tarefas e chegar a produzir umas 500 arrobas de fumo ao ano.

E a terceira categoria, conforme o autor, era composta por grandes proprietários, os quais não participavam da produção do fumo, mas se beneficiavam da produção das famílias moradoras de suas terras.

Já no século XX, o fumo alcançou um maior nível de diversificação espacial, industrial e de comercialização, através de políticas de desenvolvimento que surgiram nesse período. Segundo Etges (1989, p. 47):

(...) o fumo passou a ser cultivado também em Minas Gerais, Goiás, São Paulo e, sobretudo, no Rio Grande do Sul com a chegada dos imigrantes europeus, particularmente nas colônias de São Leopoldo e de Santa Cruz do Sul, futura capital do fumo. Simultaneamente ao processo de expansão surgiram novos tipos de fumo. (...)

3.2 – INÍCIO DA PRODUÇÃO NA REGIÃO SUL DO BRASIL

No Sul do país o desenvolvimento das lavouras de fumo se deu através dos imigrantes alemães que possuíam pequenas propriedades, propiciando o cultivo da fumicultura. No século XX a crescente concentração na Região Sul é a característica mais relevante, e é no centro do Rio Grande do Sul, com a colonização alemã, que

nasce o núcleo que veio a ser “a capital do fumo”: Santa Cruz do Sul e sua microrregião. Em grande parte, o sucesso econômico-financeiro das empresas de fumo instaladas no país depende do chamado sistema integrado de produção. (Vogt, 1994 p. 34)

Conforme Etgs (1987, p. 50) em 1950, nota-se a definição de três regiões produtoras de fumo no Brasil: "o sul (RS, SC e PR) pelo fumos claros para cigarros; o Nordeste (BA e AL) pelos fumos escuros para charutos e os demais Estados (em particular MG, GO, SP) pelo fumo em corda ". A partir da espacialização do tabaco em grande maioria nessas regiões, é presente também a instalação das indústrias que vão crescendo a fim de exercer o domínio de mercado nessas áreas que apresentavam maiores vantagens econômicas.

Pode-se observar que a produção do fumo passa a ter uma maior concentração em regiões produtoras a partir da sua transformação em uma cultura comercial, visto que antes era produzido em diversas regiões, mas essa produção era voltada basicamente ao autoconsumo. Assim, com a instalação das indústrias, ocorre um processo de intensificação da produção nas regiões próximas às indústrias, como é o caso da Microrregião Fumicultora de Santa Cruz, RS⁵. (ETGES, 1989 p. 53)

Segundo Etges (1989 p. 57), no Brasil se teve uma certa “marginalização” quanto às áreas que foram ao longo das décadas desenvolvendo a produção de fumo. A expansão da fumicultura ocorreu como forma de ocupar aquelas áreas onde não é possível produzir soja, trigo e outros grãos mais valorizados, por serem regiões com solos considerados inférteis ou pelo relevo acidentado do terreno, que não permite a utilização de máquinas plantadeiras e colheitadeiras.

Outra questão tratada pela autora citada é de que o cultivo do tabaco foi muito bem aceito em pequenas propriedades ou por agricultores familiares, visto que, esses possuem a mão de obra necessária para a realização do trabalho manual que a produção de tabaco necessita.

Segundo Vogt (1994 p. 54):

Para compensar a carência dos equipamentos agrícolas que poderiam ter tornado mais leve e rentável o trabalho, a unidade de produção familiar passou a explorar sua força de trabalho num limite extremo. O fumo obtido naquela época, o que sói ocorrer ainda hoje, necessitava de intenso trabalho

⁵ Esta microrregião se destaca por estarem localizadas nela, diferentes empresas do ramo fumageiro, sendo uma região pioneira no processo de expansão das indústrias do fumo.

que não dispensava nem as mãos dos velhos, nem as das crianças (...)

A fabricação de cigarros industrializados no Brasil teve seu início no ano de 1903, através da instalação da primeira fábrica brasileira, no Rio de Janeiro. Já no ano de 1930 a produção de cigarros conseguiu ser maior do que a produção de charutos, visto que, seu consumo acontecia de maneira mais facilitada devido a grande fabricação que se alcançava nas indústrias, enquanto o charuto ainda era produzido de maneira artesanal. (VOGT, 1994, p. 56)

3.3 – O SISTEMA INTEGRADO E OUTRAS ESTRATÉGIAS DA INDÚSTRIA TABAQUEIRA

Conforme Vogt (1994 p. 54), o sistema de integração, possui grande importância para o crescimento das empresas fumageiras no Brasil. O autor afirma que o estabelecimento do sistema se deu através de uma bem articulada estratégia de marketing, sendo essa baseada em conhecimentos e motivos tanto tecnocientíficos, como também, culturais. Alguns exemplos são: a adequação das terras da região ao cultivo do fumo de estufa, tendo um clima moderado que apresenta chuvas bem distribuídas durante todo o ano; grande presença e força da produção familiar nas suas pequenas propriedades; produtores que desenvolvem culturalmente suas atividades com grande dedicação e capricho; consolidação do cultivo e do comércio do produto na região.

Com a expansão e consolidação do sistema integrado, a Região Sul tornou-se, nas décadas de 1980 e 1990, parte do cenário global do comércio de tabaco, concentrando 95% da produção brasileira de folhas. O Brasil assumiu a liderança na exportação de tabaco no mundo desde 1993. (VOGT, 1994 p. 81)

Conforme o autor citado:

O período se notabiliza pela ocorrência da paulatina subordinação do processo de trabalho dos produtores familiares, plantadores de fumo, ao capital industrial. Isto é, há um deslocamento do agente subordinador que é transferido da figura do comerciante para o da agroindústria fumageira. E isto é um resultado provocado pela penetração do capitalismo neste ramo específico da agricultura local, com a conseqüente implantação do sistema integrado de produção. O fenômeno da produção integrada teve início em 1918 e se consolidou nos últimos 25 anos. (VOGT, 1994 p. 81)

O sistema integrado ganha estabilidade também em função da definição

antecipada dos preços mínimos a serem pagos aos produtores ao fim de cada safra. Nesse aspecto, como em outros, as empresas no contexto brasileiro seguem o exemplo da Souza Cruz. A alternativa seria abandonar a disputa pelo mercado. As empresas nacionais são vencidas gradualmente pelas multinacionais, com apoio dos governos tanto do regime militar quanto civis, visando a abertura do mercado internacional ao fumo brasileiro. (BOEIRA, 2006, p. 31).

Outra importante questão tratada por Boeira (2006 p.32) trata-se das estratégias utilizadas pelo setor fumageiro ao longo dos anos, como forma de driblar ações do movimento antitabagista e conseguir um apoio do governo federal mesmo que de forma branda. Assim, o autor utiliza os conceitos de rede estratégica versus rede multi fragmentária para discutir a complexidade existente na relação das indústrias fumageiras e o movimento antitabagista.

Segundo o autor citado:

A noção de rede estratégica refere-se a um conjunto de partes integradas sistemicamente por uma das partes, que ocupa um papel central e estratégico, coordenando os elos, o fluxo de informações e o alcance da ação do conjunto. Há maior ou menor complexidade ou mecanicidade na rede estratégica na medida em que o fluxo de informações entre as partes depende ou independe da parte coordenadora, e na medida em que o ambiente é considerado um cenário para a atuação das partes ou uma fonte de informações. (BOEIRA, 2006 p.32)

Já o conceito de rede multi fragmentária:

(...) refere-se ao conjunto das forças anti-sistêmicas e "transistêmicas", que, direta ou indiretamente, opõem-se às estratégias das corporações transnacionais (CTNs) de tabaco. Tal conceito remete para um conjunto pouco articulado de fragmentos, setores, grupos sociais, que por meio de sua atuação descentralizada ampliam os espaços da cidadania. (BOEIRA, 2006 p.32)

Assim, em toda a história da indústria do fumo, o setor fumageiro tem se movimentado com métodos de influenciar a mídia, associações comerciais e industriais, buscando formar redes estratégicas em defesa do consumo de seus produtos. Pode-se citar o exemplo do Sindicato da Indústria do Fumo (Sindifumo) que age motivado principalmente para fortalecer as estratégias de marketing, tecnocientíficas e político- ideológicas. (BOEIRA, 2006, p. 33)

Apesar das estratégias utilizadas pela indústria do fumo, pode-se dizer que atualmente no mundo têm crescido iniciativas antitabagistas, criadas por ONGs e movimentos sociais.

Diante dessa questão, Boeira (2006 p. 34) observa os novos setores que formam a rede de antifumo: sendo primeiramente a tradição religiosa; o segundo setor trata-se das ONGs médicas; o terceiro setor vai tratar da saúde pública; o quarto setor da rede é o movimento antifumo; o fragmento número cinco desta rede trata-se do ambientalismo; o sétimo setor são as mídias ético-políticas; na oitava parte tem-se os grupos anônimos, como a Fumantes Anônimos ; e por fim o fragmento nove, o qual abrange o antitabagismo mercadológico.

Assim, pode-se observar a formação de duas redes as quais possuem atores distintos em suas composições, os quais buscam principalmente por meio de marketing, expandir suas ideias e influenciar as pessoas envolvidas neste meio . Quanto às indústrias, pode-se observar que estando na rede multi fragmentária, apenas alguns de seus atores focalizam sua atuação social diretamente às CTNs. Boa parte do empenho dos atores da rede multi fragmentária está focada na autodefesa, em conseguir continuar expandindo a venda de seu produto. Já a rede estratégica é mantida unida pelas ordens e informações de um ator predominante.

Pode-se destacar que as empresas fumageiras estão sempre buscando por novas áreas para estabelecer seus territórios as quais vão ter potencial suficiente para o desenvolvimento das atividades, assim, evidencia-se esse grande crescimento da produção na região Sudeste do Paraná, onde localiza-se o município de São João do Triunfo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

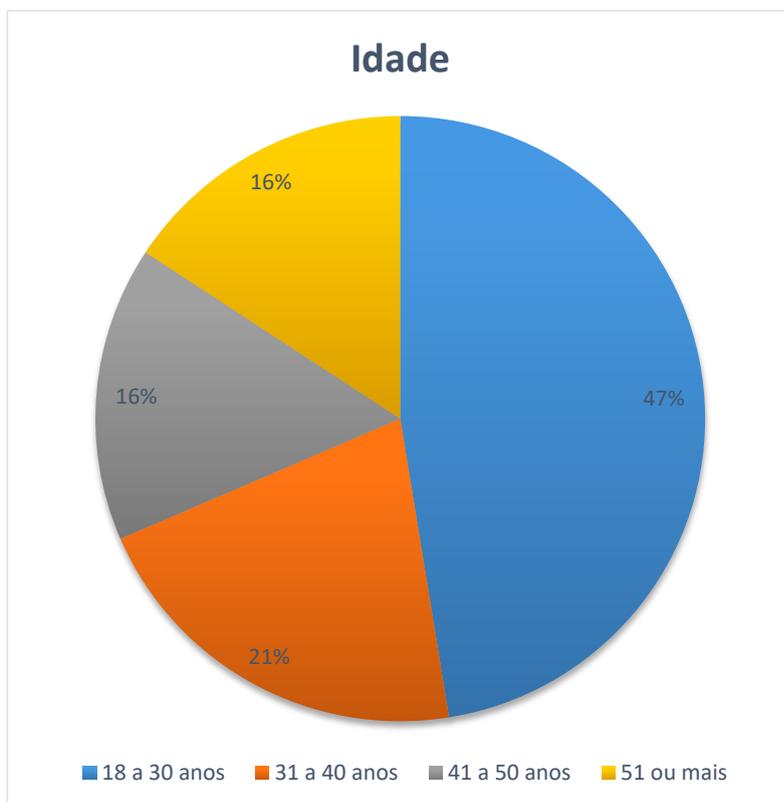
4.1- PERFIL DOS PRODUTORES DE TABACO

Este capítulo irá tratar da análise dos dados obtidos através da realização das entrevistas e questionários com os produtores da comunidade de Coxilhão das Ameixeiras no município de São João do Triunfo.

No início do questionário teve-se a identificação quanto a idade e gênero dos entrevistados como evidenciado no gráfico 3, a maioria possui idade entre os 18 e 30 anos de idade demonstrando que há uma grande participação por parte dos mais jovens na produção do fumo na localidade.

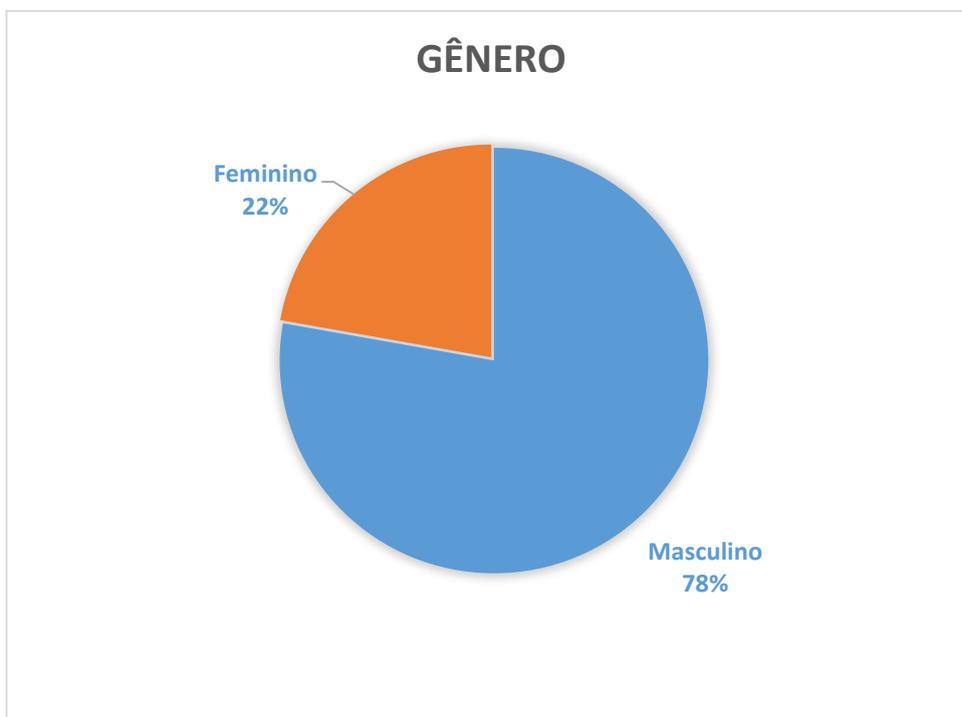
Já quanto ao gênero dos produtores da localidade estudada, pode-se verificar que a grande maioria dos participantes da pesquisa e responsáveis pelo cultivo do tabaco são do gênero masculino, apesar de que em muitos casos trata-se de uma produção familiar, assim, a família inteira participa do cultivo, incluindo mulheres e filhos. (gráfico 4)

Gráfico 3 - Idade dos produtores participantes da pesquisa



Fonte: A autora, 2023

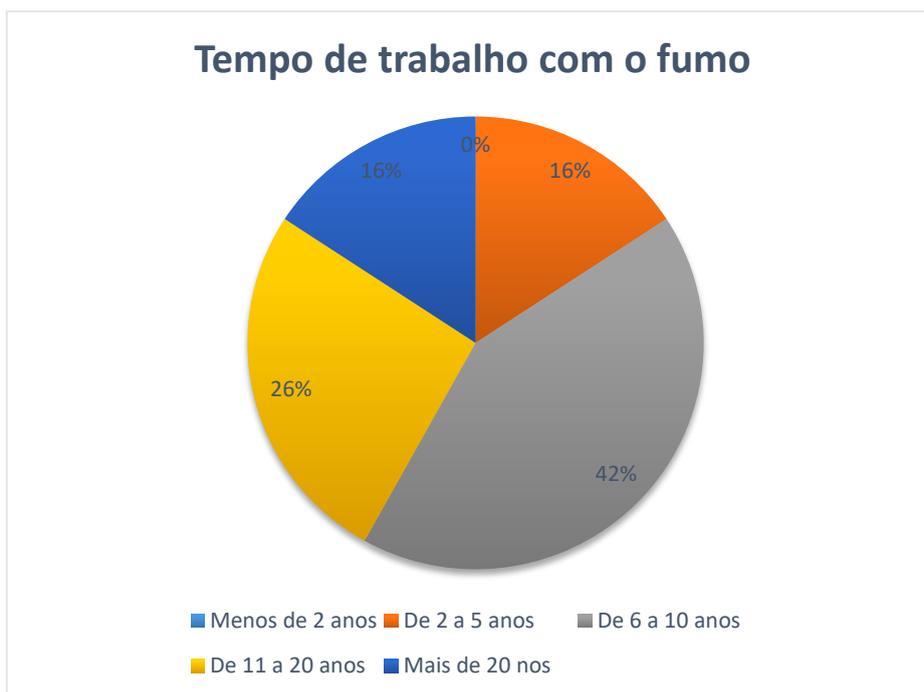
Gráfico 4 - Gênero dos produtores participantes da pesquisa



Fonte: A autora, 2023

A seguir, no gráfico 5 é tratado o tempo que esses produtores se dedicam ao trabalho com o fumo, este dado foi coletado a fim de verificar se estes produtores estão na cultura a um grande tempo ou estão se inserindo nos últimos anos, com o objetivo de estabelecer uma possível ligação com o crescimento da indústria fumageira na região. Assim, pode-se observar que a grande maioria aderiu a fumicultura nos últimos 6 a 10 anos, sendo 42% dos entrevistados. Em segundo lugar tem-se 26% dos produtores que trabalham com o cultivo a cerca de 11 a 20 anos. Apesar de possuir uma divisão entre o tempo de trabalho, a maioria dos participantes estão na cultura do tabaco a um tempo maior. Este tempo está ligado também a idade desses produtores, aqueles que possuem idade mais elevada consequentemente estão no cultivo a mais tempo.

Gráfico 5 - Tempo que os produtores já trabalham com o fumo em suas propriedades



Fonte: A autora, 2023

4.2 – CONTATO DOS PRODUTORES DE FUMO COM OUTRAS CULTURAS

Como está colocado no Quadro 1, 73% dos produtores relataram ter tido contato com o trabalho em outras culturas, seja trabalhando com essas ou através da família que realizava o trabalho, foram relatados principalmente os cultivos de milho e feijão.

Observou-se que a grande maioria dos produtores substituiu esses outros cultivos pelo fumo, relacionado principalmente com a questão da geração da renda visto que, os mesmos produtores destacam que a fumicultura tem sido a melhor forma de garantir uma renda maior.

Pode-se citar o caso do produtor A. que afirma ter trabalhado com o cultivo do milho e do feijão e quando perguntado sobre a garantia da renda através da fumicultura este relata “É um trabalho pesado mas garante uma renda maior”. Destaca-se a relação do aumento da produção de fumo com a falta de terras, os agricultores relatam que o fumo pode ser produzido nas pequenas propriedades sem necessitar de grandes volumes de terras, ou seja, mesmo tendo poucas terras tem-se uma produção alta e logo, a geração de maior renda, motivando assim, a substituição das culturas tradicionais na localidade.

É destacado que os três entrevistados que relatam ter tido contato com outras culturas somente pela questão da família ter trabalhado, são produtores mais jovens com idade entre 18 e 30 anos, evidenciando assim, que os pais ou a família tinham esse trabalho com outras culturas mas houve a substituição pela fumicultura. Através dessa substituição e falta de diversificação quanto às culturas produzidas na comunidade pode-se voltar a ressaltar o grande crescimento da fumicultura em São João do Triunfo ao longo dos anos, chegando a ocupar 45.9% das áreas cultivadas no município.

Quadro 1 – Relatos dos produtores quanto ao contato com outros tipos de cultivos

RELATOS SOBRE O TRABALHO COM OUTRAS CULTURAS	
Somente teve contato pela família	<p>“Nunca trabalhei só o meu pai plantava milho e feijão”</p> <p>“Somente minha família já trabalhou plantando feijão e milho”</p> <p>“Sim, meu pai plantava milho e feijão”</p>
Afirmativas	<p>“Sim, trabalho com o milho”</p> <p>“Sim, com milho e feijão”</p> <p>“Sim, milho e feijão”</p> <p>“Sim, milho”</p> <p>“Sim, já plantei milho feijão e verduras plantio para consumo próprio”</p> <p>“Sim, milho”</p> <p>“Milho”</p> <p>“Sim. Soja, milho e erva mate”</p> <p>“Milho”</p> <p>“Trabalhei com milho alguns anos”</p> <p>“Já trabalhei com milho, feijão”</p>
Negativas	<p>“Não”</p> <p>“Não”</p> <p>“Não”</p> <p>“Não”</p> <p>“Não”</p>

Fonte: A autora, 2023.

4.3 – EMPRESAS PRESENTES NO MUNICÍPIO E A RELAÇÃO EMPRESA-PRODUTOR

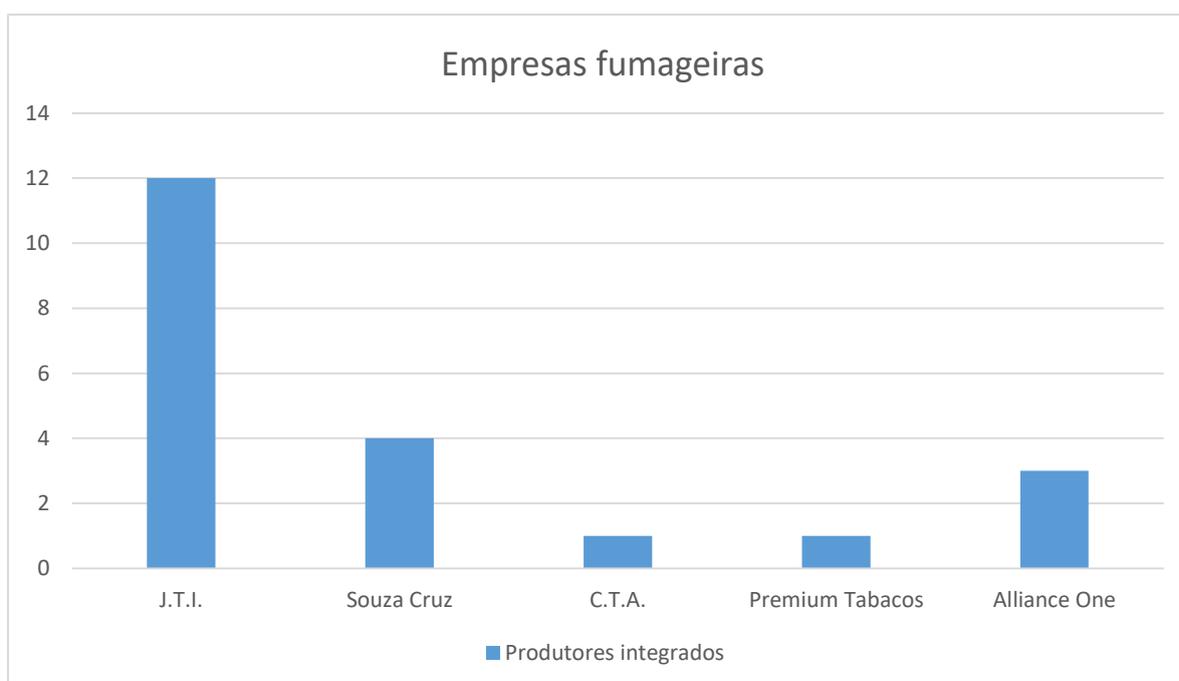
Quanto as empresas que atuam e integram os produtores da comunidade estudada tem-se um grande predomínio da empresa JTI (gráfico 6), a qual está instalada desde 2013 em São Mateus do Sul, cidade vizinha de São João do Triunfo.

O produtor B. relata que antes de estar integrado a JTI, passou por diversas empresas mas que essas empresas não mantinham uma segurança a ele como produtor e que ao aderir à JTI notou uma maior estabilidade e que, o fato da empresa estar localizada próxima ao município facilita o processo de venda da produção.

O produtor L. que está integrado à empresa Souza Cruz, ressalta sobre a empresa possuir uma maior rigidez com o processo de produção, mas que tem como fator positivo manter sempre um equilíbrio quanto aos valores de compra do fumo.

Pode-se citar aqui o caso do produtor M. que relatou ser produtor atualmente da empresa Premium Tabacos e que, anteriormente, foi integrado à JTI, mas foi desintegrado pela empresa por não ter entregue a estimativa de produção realizada em contrato ao início da safra.

Gráfico 6 - Empresas fumageiras que os produtores encontram-se integrados



Fonte: A autora, 2023.

O trabalho com a fumicultura é realizado em sua grande maioria de forma manual, como é o exemplo da colheita, ou utilizando pequenas máquinas que auxiliam na agilidade da produção, mas que ainda necessitam de um esforço braçal, como as semeadeiras que são utilizadas para distribuir igualmente as sementes de fumo nas bandejas plásticas ou de isopor e as plantadeiras utilizadas para plantar as mudas na lavoura, facilitando o trabalho.

Apesar de se ter essa característica relatada, os produtores buscam sempre ter acesso a equipamentos mais modernos ou tecnológicos para que possam aumentar a qualidade da produção, como é o exemplo das estufas de secagem de fumo que atualmente possuem diferentes tipos de aparelhos, a fim de controlar fatores como o calor e umidade e assim, melhorando o processo de secagem e cura do fumo. Na figura 3, está um exemplo de estufa utilizada pelos produtores.

Figura 3 - Estufa de secagem de fumo pertencente a um produtor



Fonte: A autora, 2023.

Os produtores destacam em sua totalidade que o trabalho com o cultivo de fumo tem ajudado a manter melhorias em suas propriedades, podendo construir casas

e garantir a compra de outros bens através da renda gerada. No entanto, a grande maioria dos produtores destacam a compra de implementos agrícolas, tratores ou a construção de novas estufas de fumo. Assim, percebe-se que os produtores estão sempre investindo no próprio trabalho a fim de facilitá-lo, assim como, aumentar a qualidade e a quantidade da produção para se garantir integrados as empresas (Quadro 2).

Quadro 2 – Relatos dos produtores quanto às melhorias nas propriedades e na forma de trabalho

RESPOSTAS QUE INDICAM MELHORIAS NA PROPRIEDADE E NA FORMA DO TRABALHO PROPORCIONADAS COM O CULTIVO DO FUMO

“Sim, com o fumo consigo ter uma renda maior e acesso a financiamentos que comprei implementos.”

“Sim, compramos trator e construímos estufas”

“Sim, comprei trator e implementos, fiz casa e estufa”

“Sim, com a renda do fumo deu pra comprar implementos e melhorar a condição de vida”

“Sim, melhorou a vida pois podemos construir nossa casa e comprar implementos que facilitam o serviço”

“Compra de bens e implementos”

“Sim, dá pra comprar implementos e melhorar o trabalho”

“Sim, compra de implementos que facilitam o trabalho”

“Sim, quando comecei plantar fumo consegui comprar trator e implementos e aos poucos fui conseguindo maior estabilidade”

“Proporcionou melhorar a qualidade de vida comprando bens como carro e casa e construir estufa e implementos para melhorar a produção”

“Sim, compra de bens e implementos”

“Sim, compra de bens e trator”

“Sim fiz estufa comprei trator”

“Sim, fiz casa e comprei equipamentos para o trabalho”

“Sim, na compra de implementos, na compra de mais terras, e na melhoria de vida.”

“Sim, implementos e melhoria na propriedade.”

“Sim, estamos sempre melhorando a estufa pra tornar mais fácil o trabalho e

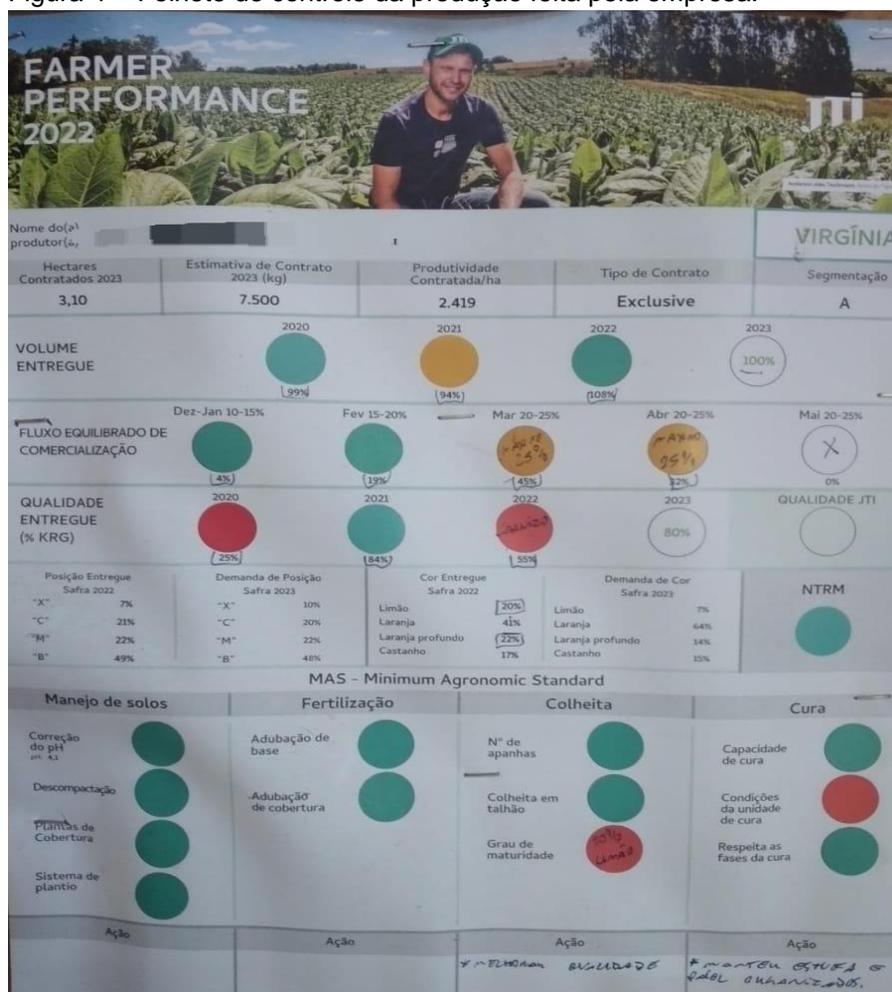
também construí minha casa trabalhando com o fumo”

“Sim, quando comecei plantar fumo comprei meu primeiro trator e fui investindo no próprio trabalho construindo estufa e comprando outros equipamentos”

Fonte: A autora, 2023.

O grande investimento dos produtores também favorece as empresas, que buscam manter um controle sobre a qualidade do fumo produzido, como evidenciado na figura 4, onde destaca-se o cartaz fixado pelo orientador da empresa no paiol de fumo de um produtor. Nesse cartaz a empresa busca exercer um controle de qualidade da produção do fumicultor, destacando fatores como o volume entregue pelo produtor, a qualidade da produção (com fatores como a cor, o processo de colheita e curado fumo) e a exigência para manter as estufas e paiol organizados e limpos. Conforme o produtor, se ele não seguir esses critérios acaba sendo desintegrado da empresa.

Figura 4 - Folheto de controle da produção feita pela empresa.



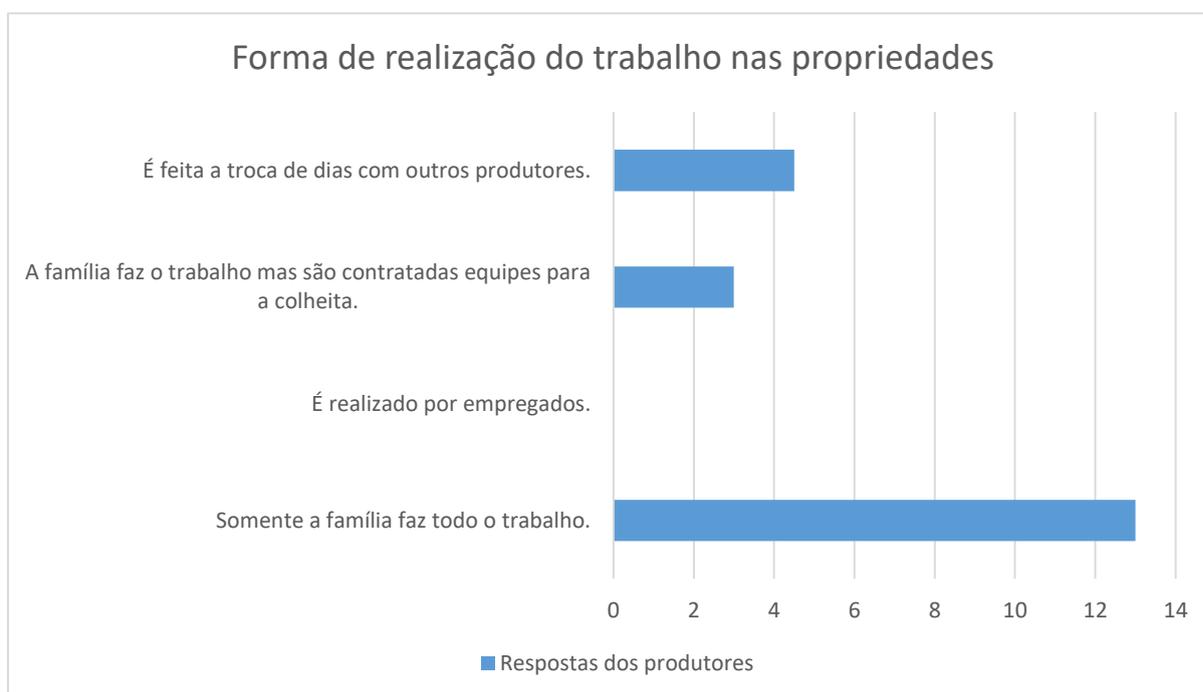
Fonte: A autora, 2023

4.4 – FORMAS DE TRABALHO, MOTIVAÇÕES PARA ADERIR AO CULTIVO DE TABACO E TENTATIVAS DE DIVERSIFICAÇÃO

Como destacado anteriormente, o trabalho é realizado em sua maioria de forma manual, assim, necessita de um maior número de pessoas e de mão de obra para a sua realização. Na comunidade estudada a fumicultura é caracterizada pela agricultura familiar, onde a família realiza todo o trabalho em sua propriedade. Há também os casos conhecidos como “troca de dias” onde duas ou mais famílias juntam-se para trabalhar em conjunto, realizando o trabalho de suas propriedades dessa forma com a finalidade de torná-lo mais rápido e menos pesado.

Outra forma de trabalho que tem crescido nos últimos anos na comunidade é a contratação de equipes⁶ para realizar a colheita de fumo, assim, as famílias realizam todo o trabalho durante a safra mas nesse momento de colheita, que é o trabalho mais pesado, acabam pagando para outros realizarem. (GRÁFICO 7)

Gráfico 7 – Forma que os produtores realizam o trabalho da fumicultura em suas propriedades



Fonte: A autora, 2023.

⁶ Essas equipes são formadas por cerca de cinco pessoas, e possuem um responsável por organizá-las e negociar o trabalho com os produtores que irão contratá-las informalmente.

No gráfico 8 são ressaltadas as motivações que levaram e mantêm esses produtores no cultivo do tabaco. Observa-se que em grande maioria o principal motivo está na renda que o fumo garante à essas famílias, sendo maior do que em outros cultivos, conforme os produtores.

Outro motivo relevante é de que o trabalho é passado de pais para filhos, os quais presenciaram o trabalho desde crianças e começam a se inserir no cultivo ainda jovens, aprendendo a desenvolver todos os processos do trabalho e assim, tendem a continuar no cultivo juntamente com o restante da família.

A questão de tratar-se de pequenas propriedades, onde essas famílias possuem poucas terras cultiváveis, também apresenta-se relevante, podendo estar atrelada com a questão da renda, visto que, o fumo tende a ter um rendimento maior em pequenas áreas em comparação a outras culturas, logo tornando-se mais viável seu cultivo.

No quadro 3 estão divididas as opiniões dos produtores quanto a fumicultura como renda familiar, como destacado no quadro, nota-se que em grande maioria os produtores estão satisfeitos com a renda que têm alcançado através do fumo colocando-a como a melhor alternativa de cultivo no momento.

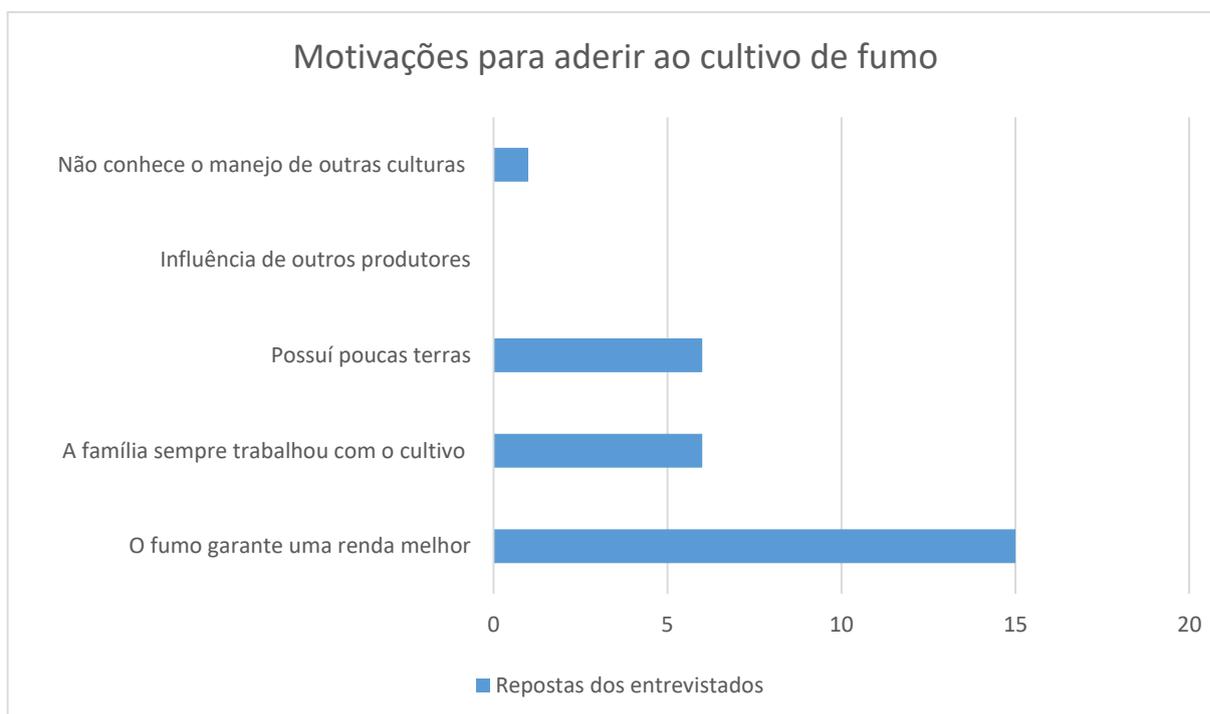
Quatro entrevistados demonstram não estar satisfeitos com o trabalho, relatando ser um trabalho pesado mas que, continuam motivados principalmente pela renda que os proporciona, como destaca o produtor L. "Tem sido bom já pensei em parar de plantar mas não tem o que fazer", demonstrando que apesar de não estar inteiramente satisfeito tende a continuar por não conseguir aderir a outro cultivo, pela forte presença e domínio da fumicultura na região, assim como, por trabalhar com o fumo a muitos anos. Destaca-se também, o relato de dois produtores que afirmam possuir vontade de mudar para outro cultivo mas que ainda não sabem como conseguir iniciar essa mudança.

Quadro 3 – Relatos sobre o fumo como fonte de renda das famílias produtoras

FUMO COMO ALTERNATIVA DA RENDA FAMILIAR	
Acreditam ser a melhor alternativa	<p>"Sim, o fumo tem sido bem valorizado e o preço está bom. Só mudaria se não tivesse uma renda boa"</p> <p>"Tem sido uma boa alternativa no momento."</p> <p>"Tem sido lucrativo"</p> <p>"É uma das alternativas que tá dando uma boa renda, qualquer cultivo vamos ter problemas, mais o tabaco tá sendo uma das melhores alternativa"</p> <p>"Sim"</p> <p>"Tem sido a melhor alternativa por isso não penso em mudar"</p> <p>"Tem sido uma boa alternativa. Não penso em mudar pois já vou me aposentar"</p> <p>"Sim"</p> <p>"Tem sido bom"</p> <p>"Sim, tem sido uma boa alternativa"</p> <p>"Tem sido bom"</p> <p>"Sim, tem sido a melhor opção no momento"</p> <p>"Sim, temos uma condição de vida boa trabalhando com o fumo"</p>
Não se sentem satisfeitos com o trabalho mas a renda depende do trabalho	<p>"É um trabalho pesado mas garante uma renda maior."</p> <p>"Tem sido uma boa alternativa apesar de ser pesado o trabalho"</p> <p>"Tem sido bom já pensei em parar de plantar mas não tem o que fazer"</p> <p>"Tem mantido a renda boa, mas pretendemos parar com a cultura e muito serviço braçal"</p>
Gostaria de ter outra fonte de renda	<p>"Se houvesse outro cultivo que o serviço fosse mais fácil e desse uma renda seria possível"</p> <p>"Sim tenho vontade de mudar para outra cultura."</p>

Fonte: A autora, 2023.

Gráfico 8 – Os motivos que levaram os agricultores a aderirem ao cultivo de fumo



Fonte: A autora, 2023.

A partir dos relatos antecedentes pode-se destacar a existência do Programa Nacional de Diversificação de Áreas Cultivadas com Tabaco (PNDACT) o qual foi lançado em 2005 e visa alcançar uma diversificação de produções viáveis às Unidades Familiares de Produção Agrária (UFPA'S) em conjunto com o desenvolvimento sustentável, para isso o programa promove diferentes ações nos municípios que apresentam a produção de tabaco. O PNDACT está atrelado também a Convenção-quadro para o controle de tabaco (CQCT) elaborada pela Organização Mundial da Saúde com a finalidade de alcançar um controle do tabagismo e que, apresenta em seus artigos a importância de se buscar alternativas viáveis economicamente para os produtores de tabaco. (ANATER, 2023).

Conforme o Inca (2018) é necessário buscar alcançar uma diminuição da dependência que os agricultores familiares possuem a esta cultura, para que através da diversificação esses não sejam totalmente afetados com a queda do consumo do tabaco no mundo. O Instituto afirma que, além de trazer uma melhora financeira aos produtores, a diversificação também torna-se importante para a melhora da alimentação já que os agricultores passam a cultivar alimentos e criar animais para o autoconsumo, tendo uma produção com menos agrotóxicos e mais saudável.

Investir no processo de diversificação nessas áreas torna-se fundamental para

que os produtores não se limitem somente a esse cultivo, que é em grande parte prejudicial a eles mesmos, levando em consideração a condição de trabalho, é necessário que de fato essas propostas sejam apresentadas e que se tornem viáveis a todos.

No entanto, a diversificação tende a ocorrer de maneira demorada visto que, os produtores estão propícios a não querer sair do cultivo por este garantir uma renda estável, assim como, pelo controle que as empresas fumageiras conseguem exercer sobre esses.

Riquinho e Hennington (2016 p. 08) afirmam que:

(...) a margem que os trabalhadores têm para criar e desenvolver outras experiências de trabalho é pequena, pois a indústria se utiliza de mecanismos de controle e exploração para garantir a quantidade e qualidade do produto a um custo que lhe seja vantajoso.

Conforme Berdnachuk (2018 p. 130) os produtores encontram-se subordinados a uma relação de alienação, motivadas pela segurança econômica e pela integração com as empresas. Segundo a autora, apesar da produção de tabaco ser a principal fonte de renda das famílias e contribuir para a economia do país, ela traz sérios problemas para a saúde dos agricultores, assim como, causa diversos danos ao meio ambiente, por isso deve ser repensada.

O que torna difícil a diversificação é além da dependência das famílias sob o cultivo é a dependência que os municípios também possuem economicamente dessa produção, assim a sua ausência ou diminuição demasiada traria impactos e outros possíveis problemas ao município como um todo.

Segundo Berdnachuk (p.135 2018):

Para que a cultura do tabaco possa deixar de ser a opção mais importante de renda agrícola para as famílias, o Estado deve apoiar novas possibilidades de diversificação, analisando que há gerações essas famílias são dependentes dessa cultura dominada por grandes grupos multinacionais.

Segundo Riquinho e Hennington (2016, p. 08) o grupo de agricultores que estão na fumicultura é formado por pessoas de grande resistência, que muitas vezes passaram por momentos difíceis de pobreza e privatização. Somente através do cultivo do fumo conseguiram alcançar ganhos econômicos e ter uma maior estabilidade financeira, por esse motivo, mesmo não estando totalmente satisfeitos com o trabalho que realizam, possuem grande receio de buscar uma diversificação na

produção e não veem a possibilidade de se ter alternativas melhores.

4.5 – O SISTEMA INTEGRADO

O Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT) passou a ser praticado a partir de 1918 através da empresa Souza Cruz, esse sistema é caracterizado principalmente pela realização de um contrato entre o produtor de tabaco com a empresa fumageira. O contrato é realizado ao início de cada safra e através dele o produtor tem a garantia da venda de sua produção e recebe assistência técnica ao longo de todo o processo de cultivo através do orientador, disponibilizado pela empresa. (RIQUINHO, HENNINGTON. 2016 p. 02)

Entre as opiniões dos produtores quanto ao SIPT (QUADRO 4) encontram-se algumas divergências. Alguns produtores indicam ser um sistema bom que garante a venda da produção e traz maior estabilidade ao produtor, afirmando que se não houvesse essa integração com a indústria os agricultores encontrariam dificuldades maiores no momento da comercialização de suas produções. Em grande maioria além de apontar os pontos positivos citados anteriormente também destacam questões que tornam o sistema desfavorável ao produtor. O produtor A. afirma que o sistema de integração: “Traz vantagens porque sabemos o quanto vamos ter que entregar para a empresa mas dificulta a venda do excedente e pode causar desvalorização do preço”, assim tem-se a garantia da venda da estimativa realizada no contrato com a empresa, caso ocorrer do produtor exceder esse valor terá que encontrar outros meios de venda já que a empresa não se responsabiliza por comprá-lo.

Segundo o produtor J. a realização do contrato é positiva em safras que não se tem uma boa produção e a empresa possui uma demanda maior, assim acaba tendo uma maior valorização e os preços sobem. Já em safras que há uma grande produção excedendo a demanda das empresas, os preços tendem a baixar e o produtor necessita vender para a empresa da mesma forma, no valor que ela estiver disposta a pagar, sendo o contrato um empecilho para que o produtor consiga alcançar preços melhores.

Para os produtores D. e L. O principal ponto positivo está na venda de insumos feita pelas empresas que podem apresentar preços abaixo de outros comércios e a possibilidade de realizar o pagamento ao final da safra com a própria produção, com

juros menores que outros locais apresentam.

A produtora B. afirma que o sistema é ruim ao produtor e traz a desvalorização do fumo, mas se vê obrigada a continuar como produtora da empresa, segundo ela, caso deixe o sistema seria difícil conseguir vender a produção.

Nota-se que apesar de ser um sistema que ambos os lados necessitam do outro para manter-se, é somente a indústria quem dita as regras. Para conseguir se integrar a uma empresa o agricultor precisa cumprir todas as regras e exigências impostas por ela, no entanto, no momento da venda quem coloca o preço no produto ainda é a empresa, assim, os produtores não têm poder de escolha e vendem suas produções conforme a imposição da indústria.

Quadro 4 – Percepção dos produtores quanto ao sistema integrado

PERCEPÇÃO DOS PRODUTORES QUANTO AO SISTEMA INTEGRADO	
Apontaram aspectos positivos quanto a realização do contrato	<p>“É bom porque quando o preço está baixo tem a garantia que a empresa vai comprar por causa do contrato”</p> <p>“É bom porque a empresa trás estabilidade pro produtor”</p>
Apontaram aspectos positivos e negativos do sistema	<p>“Dependendo da safra ter o contrato é a garantia de poder vender tudo que produzimos mas em alguns anos acontece também da empresa não pagar tão bem mas precisamos cumprir a estimativa feita no começo da safra”</p> <p>“É bom porque tem a garantia da venda mas a empresa só compra a quantidade que foi feita a estimativa então quando tem um excedente o produtor precisa arrumar um jeito de vender por fora porque a empresa não compra”</p> <p>“É bom mas o produtor depende muito da empresa e a empresa exige muito sendo que é a empresa que precisa da nossa produção”</p> <p>“Ajuda porque podemos pagar o pedido no final da safra mais as vezes é ruim porque uma empresa está pagando melhor que a outra e temos que cumprir a estimativa”</p> <p>“Bom porque conseguimos comprar os insumos direto com a firma e às vezes o preços deles é menor do que em outros lugares mas é ruim porque precisa cumprir a estimativa sempre”</p>

	<p>“A forma de pagamento dos insumos, que ajuda bastante os agricultores, a garantia de venda do produto, quando o preço tá bom vende bem mais muitas vezes outras empresas pagam melhor, mas você precisa cumprir com seu contrato de estimativa”</p> <p>“Tem suas vantagens e desvantagens pois o fumo estimado em contrato e comprado mas os valores nem sempre são cumpridos os insumos em comparação aos de empresas fora do entregado tem um preço melhor ao produtor e os juros cobrado pela empresa de fumo e mais vantajoso”</p> <p>“É bom que garante a venda da produção mas se tiver outra empresa pagando melhor não podemos tirar de uma e vender para outra”</p>
Apontaram aspectos negativos	<p>“É ruim porque o produtor tem que vender no preço que a firma quiser comprar mas sem fazer o contrato não tem como plantar porque é mais difícil de vender daí”</p> <p>“É ruim porque se não cumprir a estimativa a empresa corta o produtor, aconteceu comigo e tive que mudar de empresa”</p> <p>“É ruim porque fazemos o contrato antes de plantar então precisa fazer uma estimativa sem saber o que vamos colher”</p> <p>‘Depende do ano é bom mas às vezes a empresa desvaloriza o fumo e temos que vender para cumprir a estimativa se não eles cortam o produtor”</p> <p>“Desvantagem pois é feito o contrato e tem que entregar o produto com valores baixos.”</p>

Fonte: A autora, 2023

Os produtores afirmam que quem controla a comercialização do tabaco são as empresas, sendo o preço estabelecido e variado conforme a oferta e demanda existente. Segundo a produtora B. “Conforme o ano a empresa desvaloriza e paga classes abaixo do que o fumo valeria e quando tá precisando de fumo pagam classes mais altas mesmo até em fumo ruim”, sendo o principal problema essa falta de segurança que os agricultores têm no momento da venda. Mesmo produzindo o fumo com qualidade, seguindo as exigências da empresa quanto às etapas da colheita e processo de cura, a empresa pode desvalorizar seu produto por ter uma oferta grande em comparação a sua demanda. A oferta de tabaco pode ser afetada principalmente por questões naturais como períodos extensos de estiagem ou temporais e queda de

granizo, que causam a diminuição da produção e assim, ocorre uma maior valorização do fumo produzido, como forma da indústria conseguir suprir sua demanda. (QUADRO 5)

Conforme a afirmação do produtor C “Os preços sempre são atualizados em cada safra, mas muitas vezes conforme a produção total o fumo pode ser valorizado ou desvalorizado. Quando ocorrem grandes perdas com temporais, por exemplo, a empresa valoriza e paga mais porque acaba perdendo uma grande porcentagem da produção, então o preço depende principalmente do quanto a empresa quer comprar.”

Quadro 5 – Questões ressaltadas pelos produtores sobre a comercialização do fumo

QUESTÕES QUANTO A COMERCIALIZAÇÃO DO PRODUTO	
<p>Comentários que ressaltam a valorização do produto conforme a demanda</p>	<p>“Nos últimos anos o preço tem aumentado depende da demanda das empresas quando estão precisando de fumo o valor aumenta”</p> <p>“Depende do ano muda os preços, as vezes é mais valorizado. As empresas mantêm a tabela de preço conforme o combinado entre elas para uma não pagar mais que a outra e conforme ao ano também muda”</p> <p>“Depende da demanda da empresa às vezes no final da safra eles não pagam bem porque já compraram bastante”</p> <p>“Sempre varia as vezes no começo da safra tão pagando bem e no final começam a desvalorizar porque já compraram bastante”</p> <p>“Conforme o ano a empresa desvaloriza e paga classes abaixo do que o fumo valeria e quando tá precisando de fumo pagam classes mais altas mesmo até em fumo ruim”</p> <p>“Única coisa é garantia e a compra do tabaco estimado em contrato os valores depende da oferta e demanda”</p>
<p>Relatos sobre as mudanças nos valores que ocorrem entre as safras</p>	<p>“Os valores sempre mudam mas nos últimos anos sempre tem aumentado o valor”</p> <p>“Ocorre variações mas nos últimos anos está bom de vender”</p> <p>“Todo ano ocorre uma variação nos valores”</p> <p>“Varia sempre”</p> <p>“Varia bastante nos anos”</p> <p>“Há sim uma segurança. Ocorre sim uma variação, não sabemos como ocorrerá, se vai chover no tempo certo se não vai dar granizo, algumas das empresas ajudam muito na parte do pagamento e até mesmo dando um bônus extra para os agricultores.”</p>

<p>Relatos sobre a empresa não passar segurança de valores aos produtores</p>	<p>"Existem variações nos preços conforme a qualidade e também conforme a procura da empresa. A empresa não ajuda só paga melhor quando está precisando comprar mais"</p> <p>"Sempre acontece uma diferença e todo ano as empresas ajustam a tabela de preço mas às vezes o insumo sobe muito e o preço do fumo não acompanha"</p> <p>"Sempre varia as vezes é bem desvalorizado"</p> <p>"Não existe muita segurança nos valores"</p> <p>"A empresa não ajuda"</p> <p>"não temos muita segurança depende muito da firma, depende o dia que vai vender consegue vender bem e outro dia já pode vender pior"</p>
---	--

Fonte: A autora, 2023.

4.6 – PROBLEMAS RELACIONADOS A SAÚDE DOS PRODUTORES

Apesar do cultivo do tabaco apresentar uma melhoria econômica aos agricultores, o principal problema relacionado a essa cultura está na saúde de seus produtores. Segundo Riquinho e Hennington (2014 p. 02) ainda há poucos estudos que tratem sobre as doenças enfrentadas pelos produtores de tabaco no Brasil, são tratados principalmente casos de doença da folha verde (DFVT), intoxicações relacionadas ao uso de agrotóxicos, acidentes de trabalho e doenças respiratórias. Segundo as autoras, as doenças respiratórias se dão pelo grande contato com a poeira no momento da secagem do fumo. Quanto aos problemas relacionados aos agrotóxicos as autoras ressaltam:

O cultivo do tabaco destaca-se também pelo trabalho árduo e pela aplicação de grande volume e variedade de agrotóxicos utilizados em diferentes fases do plantio, como por exemplo fungicidas, acaricidas, herbicidas e inseticidas, especialmente do tipo organofosforados, do semeio à colheita. O uso desses produtos acarreta diversos problemas para a saúde humana. (RIQUINHO; HENNINGTON, 2014 p. 02)

O entrevistado L. Traz o seguinte relato: "Minha mãe teve câncer nos pulmões e veio a falecer em decorrência das más condições do uso de agrotóxicos. Hoje as empresas de tabaco são mais rígidas sobre o uso de EPI", demonstra-se a importância de serem debatidas as questões do uso de agrotóxicos por esses agricultores, visto o perigo que os oferta durante o trabalho. A aplicação dos agrotóxicos na lavoura de fumo é feita em grande maioria com pulverizadores costais, havendo um grande

contato com o produtor no momento da aplicação e facilitando a ocorrência de intoxicações. Segundo Riquinho e Hennington (2014 p. 06) a aplicação com esse tipo de pulverizador se feita sem os equipamentos de proteção, como vestimentas impermeáveis, luvas e botas, deixa o trabalhador exposto a grandes quantidades dos agrotóxicos, podendo ser inalados e absorvidos através do contato com a pele. Conforme o produtor citado destacou, atualmente as empresas têm buscado alcançar uma maior rigidez quanto a utilização dos EPIs, inclusive fornecendo a venda desses aos produtores.

Uma forma de influenciar a utilização dos equipamentos corretos para a aplicação dos agrotóxicos, tomadas pelas empresas fumageiras, é de promover palestras e outros eventos que tratam sobre o tema e ressaltam a sua importância, como a produtora B. ressalta “sempre temos palestras sobre os problemas que podem causar, na minha família nunca houve problema, usando os EPI corretamente a gente se sente mais seguro”.

A Doença da folha verde conforme o SindiTabaco (2019) trata-se de “um tipo de intoxicação por nicotina causada pela absorção dermal dessa alcalóide durante a colheita de tabaco molhado por orvalho ou por chuva”. Segundo o Inca (2022) os sintomas da doença são náuseas, vômito, tontura, diarreia, palidez, calafrios, sudorese, dificuldade para respirar, entre outros.

O SindiTabaco (2019) destaca o desenvolvimento de uma vestimenta para a colheita do fumo, segundo o sindicato esta foi desenvolvida através de estudos científicos com a finalidade de alcançar uma eficácia quanto a absorção dérmica da nicotina. Essa vestimenta recebeu o Certificado de Aprovação pelo Ministério do Trabalho e Emprego, é composta por blusa, calça e luvas e é disponibilizada pelas empresas a seus integrados.

Os casos de Doença da folha verde são relatados também pelos produtores entrevistados. O produtor C. afirma que sua família sofre constantemente com a doença no momento da colheita, isso acaba também, por dificultar o trabalho que no momento da colheita necessita de mais pessoas para conseguir realizá-lo de maneira mais rápida. Segundo o produtor, a utilização da vestimenta de proteção é complicada nos momentos de sol e calor, acaba por esquentar demais sendo impossibilitada de utilizar. Relata também que sua eficácia é muito afetada após a lavagem, então, mesmo utilizando-a acabam adoecendo. A compra de diversos pares também não é possível, pelo valor que essa possui.

No quadro a seguir, estão colocadas todas as opiniões e relatos dos produtores quanto às questões de saúde e o conhecimento que esses têm sobre o assunto.

Quadro 6 - Relato dos produtores quanto às questões de saúde

INFORMAÇÕES QUANTO AOS RISCOS DE SAÚDE	
Relatos sobre os riscos que se dão pelos agrotóxicos	<p>“Sim por usar bastante veneno o produtor corre riscos de saúde”</p> <p>“Por usar veneno pode causar problemas de saúde”</p> <p>“Pode causar câncer por causa do veneno”</p> <p>“Sim pode causar problemas pelos venenos”</p> <p>“Minha mãe teve câncer nos pulmões e veio a falecer em decorrência da más condições do uso de agrotóxicos. Hoje as empresas de tabaco são mais rígidos sobre o uso de EPI”</p>
Relatam os problemas pelo contato direto com o tabaco/nicotina	<p>“Não tenho conhecimento os únicos problemas que acontecem com nós são durante a colheita que sempre alguém passa mal pelo contato com a nicotina”</p> <p>“Sim o fumo faz mal por causa da nicotina”</p> <p>“Sim, na minha família só acontece os problemas na colheita por causa do contato com a nicotina”</p>
Relatam a importância da utilização do E.P.I	<p>“Sim mas não acho que seja perigoso utilizando epi”</p> <p>“Sim, sempre temos palestras sobre os problemas que podem causar, na minha família nunca ouve problema, usando os EPI corretamente a gente se sente mais seguro”</p> <p>“Sim, utilizamos epi para garantir maior segurança já que temos contato direto com os agrotóxicos e com o próprio fumo que pode causar a doença da folha verde no momento de colheita”</p> <p>“Sim pode fazer mal se não usar os equipamentos”</p> <p>“Sim. Nunca tive caso na família. Tem que usar o epi pra ser seguro”</p> <p>“Sim já fui em palestras que eles falam sobre os problemas de saúde e como usar os equipamentos certos”</p> <p>“Para trabalhar com o fumo tem que usar os equipamentos certos principalmente para lidar com o veneno tem que usar epi pois pode causar o câncer então sem esses equipamentos não estaria seguro”</p>
Relatam outros problemas gerais	<p>“Sim. Não me sinto seguro pois prejudica coluna figado entre outros.”</p> <p>“Sim, pode causar problemas de saúde e até mesmo por ser um trabalho pesado pode ocasionar outros problemas”</p>

Fonte: A autora, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar o espaço geográfico é necessário ressaltar qual categoria de estudo está sendo tratada. O território pode ser compreendido desde através da delimitação de suas fronteiras até por fatores sociais e econômicos, assim como, pelas relações de poder que ocorrem nesse espaço. Entende-se que o processo de formação de territórios é de grande complexidade e leva em consideração diversos fatores. Quanto a formação do território do tabaco tornou-se possível afirmar que esse é formado e reelaborado constantemente conforme os interesses da indústria moderna, esta busca ocupar áreas que sejam favoráveis a seu funcionamento, possuindo condições como a proximidade de matéria-prima, mercado consumidor, fertilidade do solo e força do trabalho, que são as principais características que levam as localizações seletivas, definidas como seletividade espacial por Corrêa (2000 p. 35).

O consumo e produção de tabaco no Brasil é existente desde os primórdios, onde os indígenas faziam seu consumo. Ainda no período colonial o cultivo e venda do fumo começou a ser praticada em maior concentração na região da Bahia. Somente no século XIX através da abertura dos portos e da Independência a cultura do fumo no Brasil começou a crescer e a se desenvolver.

Na região Sul a intensificação do cultivo de fumo se deu por volta do século XX, através dos imigrantes alemães. Essa grande concentração e transformação do Sul em região produtora só foi possível através do início da comercialização, visto que, antes a produção era voltada ao consumo próprio. Assim, através dessa intensificação da produção começaram a surgir as primeiras indústrias que vieram a se instalar na região. O sucesso dessa produção se dá principalmente pelas estratégias utilizadas pela indústria e pela forma que a produção é realizada, através do sistema de integração.

Quanto ao município de São João do Triunfo pode-se concluir que além de estar na região Sudeste do Paraná, sendo uma área com grande presença da fumicultura, é também um município que possui em grande maioria um espaço rural e forte presença da agricultura familiar, sendo fatores que despertam o interesse da indústria de fumo, assim, ocorrendo a intensificação dessa cultura no município.

Sobre os dados obtidos com as entrevistas e a aplicação do questionário, é possível concluir que a maioria dos produtores de fumo estão nessa cultura a muitos

anos e vários desses deixaram de produzir outras culturas para dedicar-se exclusivamente ao tabaco, essa questão vai formando uma constante continuação onde os mais jovens vão aprendendo a trabalhar e se inserindo na produção de fumo através de seus pais ou outros familiares, não tendo contato com outras possíveis culturas que poderiam ser produzidas.

Essa continuação da produção está atrelada também à influência que as empresas conseguem exercer sobre seus produtores integrados, assim como, pelo investimento que esses tendem a fazer no trabalho. Os produtores que conseguem ter uma estabilidade econômica tendem passar a investir na produção, melhorando suas estufas de secagem, comprando tratores e implementos agrícolas para o trabalho com o fumo, o que torna-se um empecilho para que os agricultores possam ter interesse quanto a outros cultivos.

Quanto ao sistema integrado evidenciou-se que os produtores destacam a garantia de venda como principal motivo para continuarem no sistema, no entanto, não sentem-se beneficiados, visto que, a empresa acaba por aplicar as regras e exigências na forma da produção e determinam os valores de compra do tabaco conforme seus interesses, deixando os produtores sem serem ouvidos e muitas vezes com seus produtos desvalorizados.

Os problemas de saúde gerados pelo cultivo de tabaco também tornaram-se evidentes. Os agricultores sentem-se muito afetados por problemas relativos ao contato com a nicotina presente no fumo, como é o caso da Doença da Folha Verde, assim como, estão suscetíveis a intoxicação pela intensa utilização de agrotóxicos em todas as etapas do cultivo. Também ocorrem grandes riscos com acidentes no trabalho e outros possíveis problemas gerados pelo grande esforço físico que o trabalho exige desses agricultores.

Por fim, apesar das difíceis condições de trabalho impostas aos fumicultores e de estarem sendo criadas iniciativas para promover a diversificação das áreas cultivadas de tabaco, nota-se que esses agricultores familiares tendem a apresentar dificuldades de possuir interesse para sair da produção de tabaco, por todo o cenário que estão inseridos de influência da indústria e principalmente pelos fatores econômicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANATER. **Programa Nacional De Diversificação De Áreas Cultivadas Com Tabaco (PNDACT)**. 2023. Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, 2023. Disponível em: <

BERDNACHUK, Carla Adriana. **Diversificação em áreas cultivadas com tabaco e a territorialização da indústria fumageira**: o caso do cultivo de tabaco orgânico no município de Canoinhas/SC. 2019. Dissertação (mestrado em Gestão de Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa-PR, 2019. Disponível em: <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2857>. Acesso em 22 de jun. 2022

BOEIRA, Sérgio Luis. Indústria de tabaco e cidadania: confronto entre redes organizacionais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 28-41, set. 2006.

CASTRO, Inácio Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. 2º ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: < <https://drive.google.com/file/d/0By2YEPBv-ZQ2dkJKalQyZ3Z5RDA/view?resourcekey=0-OVxvHwoOdVunarUPehAA7g>>. Acesso em 05 de ago. 2022

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um Conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Inácio Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Conceitos e Temas**. 2º ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0By2YEPBv-ZQ2dkJKalQyZ3Z5RDA/view?resourcekey=0-OVxvHwoOdVunarUPehAA7g>>. Acesso em 05 de ago. 2022

CORRÊA, Roberto Lobato. **Corporação, práticas espaciais e gestão do território**. Revista Brasileira de Geografia, v. 54, n. 3, p. 115-121, 1992. Disponível em:

<<https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/view/5934/0>>. Acesso em 10 de ago. 2022

ETGES, Virginia Elisabeta. **Sujeição e Resistência: os camponeses gaúchos e a indústria do fumo**. Dissertação (Geografia Humana). Universidade Estadual de São Paulo. v. 18 n. 1 (1991): Boletim Gaúcho de Geografia.1989. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/40173>>. Acesso em 29 de jan. 2023

FERNANDES, Bernardo Mançano. Entrando nos territórios do Território. **NERA**. 2008. Disponível: <http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/3artigodomes_2008.pdf>. Acesso em 20 de jul. 2022

HAESBAERT, Rogério, PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo. Editora UNESP, 2006. Disponível em:<<http://sites.ufca.edu.br/proder/wpcontent/uploads/sites/19/2016/03/HAESBAERT-R.-PORTO-GON%C3%87ALVES-C.W.-A-nova-desordem.pdf>>. Acesso em 06 de ago. 2022

HAESBAERT, Rogério. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. USP, Departamento de Geografia, 20-26 de março de 2005. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/19.pdf>. Acesso em 22 de jun. 2022

HILSINGER, Rone. **O Território do Tabaco no Sul do Rio Grande do Sul diante da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco**. 2016. Tese (Doutorado)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/148765#:~:text=Na%20d%C3%A9cada%20de%201960%2C%20o,patamar%20de%20maiores%20produtores%20nacionais>>. Acesso em 08 de abr. 2022

IBGE. **Banco de dados Censos demográficos**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/downloads-estatisticas.html>>. Acesso em 20 de dez. 2022

IBGE. **Cidade de São João do Triunfo**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/sao-joao-do-triunfo.html>>. Acesso em 29 de jan. 2023

IBGE. **PAM- Produção Agrícola Municipal**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html?=&t=destaques>>. Acesso em 29 de jan. 2023

INCA. **Cresce diversificação em áreas de cultivo de tabaco**. Instituto Nacional de Câncer, Ministério da Saúde. 2018. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/noticias/cresce-diversificacao-em-areas-cultivo-tabaco>>. Acesso em 29 de jan. 2023

INCA. Fumicultura e Saúde. Instituto Nacional de Câncer, Ministério da Saúde. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/politica-nacional/fumicultura-e-saude>>. Acesso em 28 de jan. 2023

IPARDES. **Caderno Estatístico do município de São João do Triunfo**. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. 2021. Disponível em: <<https://www.ipardes.pr.gov.br/Pagina/Cadernos-municipais>>. Acesso em: 5 de jan. 2023

KASPRZAK, Celso. **Pelos caminhos do Triunfo**: [história do município de São João do Triunfo, PR, com destaque para as primeiras décadas]. Kaygangue Ltda. Palmas, PR. 2019

RIQUINHO, Deise Lisboa; HENNINGTON, Élide Azevedo. **Sistema integrado de produção do tabaco: saúde, trabalho e condições de vida de trabalhadores rurais no Sul do Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00072415>>. Acesso em 29 de jan. 2023

RIQUINHO, Deise Lisboa; HENNINGTON, Élide Azevedo. Cultivo do tabaco no Sul do Brasil: doença da folha verde e outros agravos à saúde. **Revista Ciência e Saúde**, n 19, v 12, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320141912.19372013>>. Acesso em 29 de jan. 2023

SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e Territorialidades: Teorias, Processos e Conflitos**. 2009. Editora Expresso Popular. São Paulo, 2009. Disponível em: < <https://mst.org.br/download/territorios-e-territorialidades-teorias-processos-e-conflitos/>>. Acesso em 05 de ago. 2022

SAQUET, Marco Aurélio; SUZUKI, Júlio César; MARAFOM, Gláucio José. **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/002180259>>. Acesso em: 06 ago. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO OÃO DO TRIUNFO. **História do Município de São João do Triunfo**. 2021. Disponível em: <<http://sjtriunfo.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1717>>. Acesso em 09 de ago. 2022

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **A cultura do tabaco na Região Sul do Brasil: dinâmica de produção, organização espacial e características socioeconômicas**. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 19, n.2, p. 23-40, maio/ago. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/13087/pdf>>. Acesso em 05 de ago. 2022

SILVEIRA, R. L. L.; DORNELLES, M.; FERRARI, S. Expansão da cultura do tabaco no sul do Brasil (1996-2006): Características, mudanças e persistência na produção de tabaco e nos usos do território. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona. 2012. Disponível em:<<https://www.ub.edu/geocrit/b3w-987.htm>>. Acesso em 10 de dez. 2022

SINDITABACO. **A Doença da folha verde do tabaco e a proteção do trabalhador**.

Sinditabaco. 2019. Disponível em: < [SINDITABACO. **Tabaco: relevância econômica e social**. Relatório Institucional, 2019. Disponível em:<\[http://www.sinditabaco.com.br/site/wp-content/uploads/2019/02/07900_relato%C3%B3rio-institucional-2019-SindiTabaco-VERS%C3%83O-WEB-1.pdf\]\(http://www.sinditabaco.com.br/site/wp-content/uploads/2019/02/07900_relato%C3%B3rio-institucional-2019-SindiTabaco-VERS%C3%83O-WEB-1.pdf\)>. Acesso em 08 de abr. 2022](https://www.sinditabaco.com.br/item/a-doenca-da-folha-verde-do-tabaco-e-a-protecao-do-trabalhador/#:~:text=A%20Doen%C3%A7a%20da%20folha%20verde%20do%20tabaco%2C%20ou%20GTS%2DGreen,por%20orvalho%20ou%20por%20chuva.>. Acesso em 28 de jan. 2023</p></div><div data-bbox=)

SOUZA, Marcelo José Lopes. O Território: Sobre Espaço E Poder. In: CASTRO, Inácio Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. 2º ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0By2YEPBvZQ2dkJKalQyZ3Z5RDA/view?resourcekey=0-OVxvHwoOdVunarUPehAA7g>>. Acesso em 05 de ago. 2022

VOGT, Olgário Paulo. **A produção de fumo em Santa Cruz do Sul, RS (1849-1993)**. Dissertação (História do Brasil). Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR. 1994. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/27825>>. Acesso em 29 de jan. 2023

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO AOS FUMICULTORES

Esclarecimento: Essa pesquisa tem como objetivo identificar a forma como é realizado o cultivo do fumo na cidade de São João do Triunfo e a relação das companhias de tabaco com seus produtores. As respostas poderão ser utilizadas somente para o presente trabalho

Idade:

- 18 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- 50 anos ou mais

Gênero:

- Feminino
- Masculino

Outro: _____

Mora em qual comunidade?

1. A quantos anos trabalha com o plantio de fumo?

- Menos de 2 anos
- Entre 2 a 5 anos
- Entre 5 a 10 anos
- Entre 10 a 20 anos
- Mais de 20 anos

2. Trabalha ou já trabalhou com o cultivo de outras culturas? Quais? Ex.:
Milho, feijão, verduras, etc.

3. É produtor de alguma empresa fumageira? Há quanto tempo? Qual?

(Exemplo: Souza Cruz, JTI, Alliance One, Premium Tabacos, etc.)

4. Quais as motivações para ter aderido ao cultivo de fumo?

O fumo garante uma renda maior do que outros cultivos.

Minha família sempre trabalhou com o fumo e por isso segui nesse cultivo.

Tenho poucas terras então é mais viável trabalhar com o fumo.

Influência de outros produtores ou das empresas.

Não conheço o manejo de outras culturas.

Outro: _____

5. O plantio de fumo proporcionou melhorias na propriedade ou na forma de trabalho? Quais? (compra de implementos, terras ou outros bens)

6. Quanto a comercialização, existe uma segurança nos valores e venda da produção? Ocorrem grandes variações entre as safras? A empresa ajuda de alguma forma?

7. De qual forma o trabalho com o fumo é realizado na propriedade?

Somente a família faz todo o trabalho.

É realizado por empregados.

A família faz o trabalho mas são contratadas equipes para a colheita.

É feita a troca de dias com outros produtores.

Outro: _____

8. O fumo tem sido uma boa alternativa para garantir a renda da família? Tem enfrentado problemas ou pensa em mudar para outro cultivo?

9. O sistema de integrado e a realização do contrato com a empresa no início da safra traz vantagens ou desvantagens aos produtores? Se sente seguro quanto à produção nesse sistema? (Pode usar exemplos como:

- Garantia de venda da sua produção;
 - Se ocorrem problemas como o produtor precisar vender para a empresa por preços baixos, desvalorizando o produto;
 - A qualidade do suporte técnico que a empresa fornece através dos orientadores;
 - Preços e formas de pagamento do pedido dos insumos.)
-

10. Tem conhecimento dos problemas de saúde que o trabalho com o fumo pode causar? Já teve algum caso na família? Se sente seguro na questão de saúde?
